



**Universidade de Brasília
Departamento de Sociologia
Monografia de Graduação**

**A masculinidade como *habitus* incorporado do “menor” em
conflito com a lei**

Bianca de Freitas Viana

Banca:

Prof Dr Eduardo Dimitrov

(Orientador)

Profª Drª Cristiane Coêlho

(Membro Interno)

Brasília
2/2017

Bianca de Freitas Viana

**A masculinidade como *habitus* incorporado do “menor” em
conflito com a lei**

Monografia apresentada como requisito para
obtenção do diploma de graduação em
Sociologia pelo Departamento de Sociologia
da Universidade de Brasília, sob orientação
do Professor Eduardo Dimitrov.

Brasília
2/2017

Agradecimentos

Para chegar até aqui, sou grata à minha mãe pelo amor incondicional. Minha avó pelo cuidado e carinho que só o seu afeto e comida têm. Vocês são os exemplos de mulher que quero ser na vida.

À minha irmã, Júlia, pelo apoio, pelo colo e pela doçura que me ajudam a ver a vida de forma mais leve e divertida. Ao meu avô, por ser o meu maior fã, por acreditar que posso ser capaz de realizar todos os meus sonhos - você é um homem incrível.

Ao meu pai pelo aparato financeiro, pela inegável ajuda durante esse período de grandes mudanças, nada fáceis. Obrigada pela confiança, espero estar orgulhoso de mim. E a toda a minha família que de alguma forma torceram pela conclusão desse trabalho e curso.

Aos meus queridos amigos do Party Rock, que estão presentes da minha melhor experiência como aprendiz dentro da UnB, a SOCIUS – Consultoria Jr. Artur, em especial por ter sido um verdadeiro companheiro de trabalho e de cervejas. À Débora, pelas ótimas conversas na SDH e por ser a melhor pisciana na minha vida, muito carinho por você. À Bruna pelo apoio incansável e por me ajudar a ser mais positiva, inclusive para a realização deste trabalho. Ao Luquinhas, Rodolfo, Maitra, Lud, e Matheus, pelo carinho e ajuda nos assuntos acadêmicos, sempre. Saibam que o grupo sempre foi, para mim, um apoio importante.

Aos que estão desde o início do processo, colegas de curso, de entrada para universidade, da vida. Kim, por termos acertado juntas esse pulo que é nossa linda amizade. À Denise, obrigada pela EMPATIA, corações como o seu não se encontram por aí. À Lígia, Lucas, Fabi, Brisa, Gi e Rodrigo, pela alegria que sempre é me encontrar com vocês.

Por todas as melhores influências filosóficas, do se empolgar com o aprender (e do se empolgar com o ensinar); por tudo que já conversamos e que estive ou não no campo da teoria ou do senso comum, mas me ajudaram a passar pelo duro processo da longa caminhada que é autoconhecer-se. Obrigada Luiz, pela paciência, empatia e referências. Você é um ótimo amigo.

Por me mostrar o que é simples no meio ao caos, obrigada Renato. Ter você por perto durante a escrita deste trabalho foi essencial para o desenrolar dele. Obrigada por acreditar em mim.

À Fanis por me trazer de volta o gosto do lar e por ser incrivelmente um amorzinho de pessoa. Obrigada pelo cuidado e pelos momentos de explanação juntas. Sem isso, o processo dessa história também não teria acontecido da melhor forma.

Aos que conheci esse ano e que foram imprescindíveis para a descrição de alguns dos relatos aqui descritos. À equipe de professores do Nu/En, que foi onde aprendi como nunca antes a trabalhar em grupo, ser mais solidária e reconhecer o limite do outro. Para tanto, Sylvia, coordenadora pedagógica da escola, foi um abraço acolhedor. Danilo, um grande amigo. Sara, supervisora, que me fez entender que nós, mulheres, ocupamos sim cargos profissionais de intensa responsabilidade em um ambiente hegemonicamente masculino. Admiro sua força, obrigada pelo apoio e ajuda sempre. Aos demais professores, tenho a certeza de que essa experiência enquanto professora na UIPSS jamais poderia ser tão boa se vocês não fossem a melhor equipe de trabalho que já pude presenciar. Obrigada a cada um.

Aos melhores amigos que trago comigo a anos: Pedro Muza, melhor pessoa! E Lília, um exemplo. Obrigada por estarem comigo.

À Letícia pela companhia e amor nessa trajetória. Sem você, muito provavelmente eu não teria avançado tanto. Obrigada pelo que é.

Eu amo cada um de vocês.

Dedico o presente trabalho àqueles que foram os protagonistas dessa narrativa. Aos adolescentes e alunos que tive durante o período que trabalhei como professora de Sociologia no Núcleo de Ensino da UIPSS. Aos que tem um sonho e mesmo diante toda a complexidade de suas vidas, o abandono escolar, a falta de apoio familiar e recursos financeiros, e todos os aspectos que abarcam a “vida do crime”, mas que têm consciência da dificuldade da vida na periferia. Pelo desafio apaixonante que foi estar com cada um desses adolescentes e compartilhar conhecimento, obrigada.

À sabedoria espiritual e universal que rege a grande brincadeira que é viver; à confluência, e pelo aprendizado de que devo ter sempre consciência da impermanência, pela fé em Deus.

Resumo

O presente trabalho pretende lançar olhares sobre a construção social da masculinidade em um público específico: adolescentes de 17 anos que estão internados em uma unidade de medida socioeducativa do DF, a UIPSS. Levo em consideração a condição dos adolescentes internados, como seus modos de agir, pensar, sentir, falar, vestir e se expressar para tecer a etnografia a seguir. Busquei relatar aspectos do cotidiano da unidade como professora de Sociologia e trazer as vivências pessoais de cada aluno na sala de aula da escola da unidade, o Núcleo de Ensino. Para tanto a teoria de Bourdieu (1998) acerca da dominação masculina e Connell (1996) sobre a masculinidade hegemônica serão utilizadas como aparato teórico-metodológico. Busco, com esse trabalho, pensar as subjetividades da masculinidade socialmente construída do “menor” e de que forma suas vivências simbolicamente marcadas por violências o levam à vida do crime.

Palavras-chave: Adolescente em conflito com a lei; Masculinidade hegemônica; Dominação masculina; Violência simbólica

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	3
RESUMO.....	5
ÍNDICE.....	6
1 INTRODUÇÃO	7
2 A CHEGADA	15
2.1 O CARÁTER PROVISÓRIO	22
2.2 O RAP COMO <i>HABITUS</i> E A PERIFERIA.....	27
2.3 MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E DOMINAÇÃO MASCULINA	30
3 A VIDA NO CRIME.....	36
4 IDEIA DE HOMEM	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
6 EXPRESSÕES DA “CADEIA”	52
7 ANEXOS.....	54
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	64

1 INTRODUÇÃO

O presente texto trata-se da finalização do curso de Sociologia. Para tanto, a pesquisa foi realizada a partir de minhas vivências trabalhando como uma ainda inexperiente professora de Sociologia na UIPSS, uma unidade de internação provisória para adolescentes em conflito com a lei. O tema tratado já faz parte de debates recorrentes na Sociologia em diversos campos como nos de estudos sobre juventude e vulnerabilidade, segurança pública, violência urbana, dentre outros. No entanto, para fins de delimitação teórica, o presente trabalho irá flertar com teorias contemporâneas sobre a construção social da masculinidade denominada por Pierre Bourdieu (1998) de *dominação masculina* e R. W. Connell (1996) que discorre sobre a existência de uma *masculinidade hegemônica* na sociedade atual.

O texto que se segue é fruto de uma trajetória que se inicia em 24 abril de 2017 e acaba em dezembro do mesmo ano, com o término do período letivo da Secretaria de Educação do DF. Também é resultado de inquietações acerca da questão de gênero que sempre me acompanharam durante a minha trajetória acadêmica e minha vida pessoal. Nesse sentido, estive atenta para o fato de que muito se fala sobre as consequências de uma sociedade fundamentada nos benefícios que o patriarcado oferece para os homens e na opressão sofrida pelas mulheres. Foi assim que conheci e compreendi, logo no início do curso, a importância, por exemplo, das lutas pelos direitos das mulheres e os avanços do movimento feminista; por outro lado, ainda não havia tido contato com teorias que buscam uma compreensão empírica e se atentam às consequências, para o homem, de nossa sociedade tal como é desposta em níveis hierarquizantes e do que significa “ser um homem” em um corpo social marcado pelo ideal hegemônico que os empoderam e capacitam sua dominação sobre as mulheres.

Através das minhas experiências em uma sala de aula nada convencional, ao me manter atenta para olhar com estranheza o novo que me aguardava (como logo nos ensinam quando começamos um curso de Ciências Sociais), procurei ser curiosa o bastante para analisar alguns aspectos sociais e culturais aliada à minha inquietação inicial sobre a formação social da masculinidade. Vi como os alunos que tive contato lidam com o fato de estarem privados de liberdade, passando por um processo judicial, e como essa realidade os afastam do que mais gostam de fazer: de estar na rua, dar um “rolê” com os amigos, jogar “uma pelada”, de sair com a namorada, de comer a comida de suas mães.

Ao longo do tempo, percebi que o “mundo do crime” é atraente em diversas concepções, principalmente para os que objetivam a “ostentação”, o poder pelo dinheiro, imagem que eles remetem ao *gangster*, ou ao jovem de classe média, figura totalmente abominada por eles. Uma das frases mais comuns que se pode escutar é “se os ‘playboy’ podem, porque nós não?”. A questão de difícil resposta permeia conceitos e teorias sociológicas que podem ajudar a compreender essa realidade. Por outro lado, dilemas mais complexos, delicados e subjetivos estão presentes nas falas dos adolescentes que mantive contato durante o tempo em que foram meus alunos, já que na unidade, cada interno tem um tempo máximo de 45 dias de permanência, condição que será explicada mais à frente¹. O esforço dessa pesquisa foi o de compreender a realidade em que vive o adolescente em conflito com a lei e os aspectos que os afastam da “liberdade”, da “rua” e principalmente da escola, algo que parece ser regra para jovens como eles, que não correspondem à norma e apresentam comportamentos “desviantes”.

Com isso, este trabalho compreende uma experiência antropológica e também sociológica na medida em que o texto que se segue pode ser lido como uma etnografia do meu campo que foi o meu trabalho. Portanto, relato aqui a minha perspectiva enquanto professora-observadora. O esforço sociológico e sua contribuição às Ciências Sociais de modo geral, deve-se principalmente ao caráter empírico do texto tendo em vista que foi necessário me atentar para dados e relatórios que tem como objetivo reforçar a necessidade de reaver a grande questão da educação na vida da comunidade periférica, preta e pobre. Aqui bato em uma tecla que demonstra ser consenso até mesmo no senso comum: a prevenção da criminalidade deve levar em conta a redução da evasão escolar, aspecto que costuma ser negligenciado no Brasil quando o assunto é segurança pública e é observado nos resultados da pesquisa de Rolim (2014). Esse grupo específico se enquadra nos indicadores de evasão escolar: logo cedo entram para “o corre” aprendendo as atividades “da rua” como roubos, tráfico de drogas e outros atos infracionais. Ou seja, ainda muito cedo o adolescente é atraído pela facilidade do dinheiro e da possibilidade de uma inserção rápida na cultura de consumo que tanto almeja (ABRAMOVAY, 2004). Nesse sentido, Rolim (2014) em sua pesquisa apresenta os resultados de uma análise quantitativa realizada em uma unidade de internação no Rio Grande do Sul onde o aspecto

¹ Pág. 17.

da evasão escolar apresenta ser um fator que importa quando o assunto é a entrada para o mundo do crime.

Durante a realização do presente trabalho, diversas leituras me ajudaram no processo de escrita, tanto teórico-metodológico, mas também literário. Devo reconhecer que o livro *Prisioneiras* do Drauzio Varella (2017) médico voluntário na Prisão Feminina da Capital de São Paulo, me fez atentar para a necessidade de reparar os detalhes na descrição dos relatos que estão presentes nesse texto. O universo da cadeia, do cárcere, da detenção é uma realidade alheia da maior parte de nossa sociedade, principalmente a que não se identifica com o perfil das pessoas que passam por ali, sejam servidores ou funcionários da casa, seja algum familiar que visita os detentos ou o próprio indivíduo, privado de liberdade. Em seu relato como médico voluntário que já trabalhou no Carandiru, na Penitenciária do Estado de São Paulo e, por fim, cenário principal do último livro, na Penitenciária Feminina da Capital, Varella foi ouvinte e médico de mais de duas mil detentas que cumprem suas penas. Por mais que Varella não seja reconhecidamente um autor acadêmico, acredito ser importante relatar a contribuição de seu livro na minha escrita e aspectos que correlacionam com a teoria, como a violência, as drogas, o abandono familiar entre outras características descritas nesta etnografia.

No contra turno às aulas, os adolescentes têm direito ao uso do pátio para tomar banho de sol e jogar futebol ou, como nomeiam a bola, jogar “pelota”. Aliás, para tudo há nome em uma unidade de internação e este é outro aspecto importante desse trabalho. O leitor irá se deparar com termos nativos ao longo do texto que tem como objetivo realçar a forma como os jovens possuem um vocabulário próprio, referenciado e caracterizado do lugar de onde vieram e onde estão: a “cadeia”. Os termos nativos estarão sempre entre aspas para melhor compreensão. Um glossário ao final ajudará o leitor a assimilar os termos a sinônimos mais conhecidos.

Dar aulas de Sociologia para adolescentes em conflito com a lei foi um desafio paradoxal. É assim que autodenomino o meu trabalho na unidade. Ao fazer uma breve reflexão sobre o meu primeiro 15 de outubro como professora, foi possível compreender, de fato, que a realidade do pobre favelado transcende as teorias de estratificação social e estruturas de classe, bagagem que adquiri e aprendi na universidade seja na sala de aula ou em debates recorrentes para as Ciências Sociais. Acredito que por estar em contato direto com esses jovens, pude observar que, apesar de ainda estarmos muito longe da tão sonhada ressocialização pela socioeducação (como é possível observar nos livros, no

Estatuto da Criança e do Adolescente, e das estatísticas serem tão negativas), garotos como o Marcos que endossam o senso comum de reincidência, sem orgulho muito me contou sobre suas passagens e mesmo assim me fez sentir que a educação tem seu papel para contribuir com uma abordagem mais humana para com o interno.

Entre uma história e outra nas aulas, conhecer um pouco da vida de cada aluno que se sente à vontade é como um presente e a renovação de pequenas sementes que ouvem de todos, todos os dias, que não foram feitas para semear. Os Marcos, Wesley, Lucas, Felipe e outros tantos garotos-problema que chegam até mim, são as ofensas e as afrontas de uma sociedade que massacra e não se atenta para a sensibilidade que há por trás dos atos infracionais por eles cometidos. O Marcos como outros, cumpre hoje uma medida socioeducativa em outra unidade por um tempo que não é de meu conhecimento, mas sei que no mínimo ficará privado da liberdade por seis meses. Eu, do lado de cá, talvez inocentemente ou porque tenho esperanças, espero que ele não seja mais um para somar aos outros pretos e pobres que morrem na “vida do crime”.

O trabalho tem a pretensão de apresentar um pouco da realidade das aulas de Sociologia para adolescentes de 17 anos em uma unidade de internação provisória do Distrito Federal. Para tanto, falas e relatos de atividades, cartas e redações feitas pelos jovens são recursos que utilizo de forma a materializar empiricamente a minha experiência. Sempre respeitando a regra presente no Estatuto da Criança e do Adolescente, isto é, a confidencialidade da identidade do adolescente acautelado². Concomitantemente às falas e relatos dos adolescentes muito alinhados ao senso comum busquei, fora do campo, direções compartilhadas por autores e autoras que aqui utilizo como embasamento teórico.

Com isso, um dos objetivos do texto é o de proporcionar ao leitor uma experiência de imersão no universo da socioeducação e o papel da construção social da masculinidade em suas vivências enquanto adolescentes que compreendem o período da adolescência como o período em que é “permitido” cometer atos infracionais já que “não dá nada”

² Todo nome de aluno presente no texto será fictício em respeito às normas de preservação da identidade do adolescente em conflito com a lei conforme consta no Art., 17 do Estatuto da Criança e do Adolescente onde lê-se: “O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais”. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10618111/artigo-17-da-lei-n-8069-de-13-de-julho-de-1990>> Acesso em 05 dez de 2017.

tendo em vista que apesar de estarem passando por um processo judicial, são acautelados pelo Estado (aspecto diferenciado, já que depois dos 18 anos de idade, sua ficha criminal é “zerada” e inicia-se ou não uma nova contagem de passagens e outros registros). Ao contrário de quando completam a maioridade, quando ainda são adolescentes, cumprem medidas socioeducativas que em sua máxima punição corresponde a três anos privados de liberdade em uma unidade de internação. Em Brasília, ela pode se situar em São Sebastião, Planaltina, Recanto das Emas ou Brazlândia. Por vezes, vi no fato de ser mulher e professora inexperiente algo que me impediu de aprofundar alguns diálogos referentes ao tema devido a distância que os próprios alunos colocam nessa relação de mulher/homem, professora/aluno, detentora do saber/receptor de informações, branca/preto, classe média/pobre.

É no sentido da contramão, do conjunto das oposições que organiza a nossa sociedade e da semelhança na diferença que caminha o texto que se segue. Se a ciência nada mais é do que a busca por padrões que se repetem, a exploração de categorias de entendimento, ou nas formas de classificação (DURKHEIM, 1963), a etnografia a seguir demonstra que existem padrões no motivo pelo qual cada adolescente adentrou o “mundo do crime”. Os motivos estão sempre associados a comportamentos que são perpetuadamente normalizados, fazem parte da estrutura objetiva e das formas cognitivas que apresentam em um grupo de nossa sociedade específica ao mesmo tempo em que é estranha e familiar: a dos adolescentes da Unidade de Internação Provisória de São Sebastião.

O texto, em si, não possui cronologia de fatos, isto é, os relatos não seguem uma lógica temporal. Pelo contrário, pequenos contos em trechos e falas de alunos durante a vivência em sala de aula é que fazem o papel de linhas que se entrelaçam em um emaranhado no tear, costurando, como uma metáfora para uma colcha de retalhos, essa etnografia (SOUZA e FORNARI *apud* FERREIRA, 2015). Com isso, pode-se dizer que esse trabalho possui um papel de perpassar as noções de desigualdade e estratificação social compreendendo o papel do capital cultural incorporado, do *habitus* dos adolescentes (BOURDIEU, 1979). Nesse sentido, o contexto familiar tem peso, já que é na família onde o indivíduo começa a absorver referências culturais, onde se aprende a falar e reproduzir a língua, e conhecimentos considerados ou não apropriados (ALVES *et al.*, 2010). A herança trazida de casa desempenha considerável diferença quanto ao contexto escolar e no desenvolvimento cognitivo do adolescente.

Um aspecto de recursividade, um conceito utilizado na ciência da computação, é compartilhado pelos professores que se apresenta no exercício da docência neste ambiente específico. Isso significa que o ciclo se repete. No vai e vem de adolescentes no módulo que atendi não raro o aluno que esteve comigo em maio reaparece em agosto. Em minha experiência tive pelo menos cinco ou seis alunos que retornaram à unidade no período em que ali estive. Mesmo tendo a ciência de que o ciclo se repete, compreendi no exercício de preparo das aulas que, para o aluno, faz mais sentido que eu leve uma aula acessível, que eu converse sobre oportunidades, por exemplo, do que repetir a lógica tradicional do excesso de conteúdo. Nesse sentido, o fato da escola possuir uma pedagogia nada comum³ em relação à escola tradicional, ajuda a legitimar o que chamo de aulas-palestras com duração máxima de uma semana com o tema em aula. Dessa forma, quase todos os alunos poderiam ser contemplados pelo assunto e eu poderia conhecê-los melhor no período em que ali ficariam.

Para fins de organização, o primeiro capítulo intitulado de “A Chegada” irá retratar detalhes da unidade ambientando o espaço e a arquitetura, as semelhanças e diferenças de uma cadeia de verdade e como foi, para mim, adentrar aquele espaço tão masculino. O procedimento rigoroso para entrar na unidade, de início, demonstra que o ritual não se assemelha ao de outras escolas onde bastaria apenas dizer que é um professor para ter as portas da escola abertas. Grades de cima a baixo e a presença de agentes vestidos de preto dos pés à cabeça, portando seus rádios que, entre uma chamada e outra, atrapalha o andamento da aula, eram particularidades que a partir daquele momento fariam parte do meu cotidiano.

Um capítulo como este, onde apresento o campo propriamente dito, faz-se necessário tendo em vista que o ambiente de “cadeia” é pouco conhecido por quem, como eu até então, nunca precisou ir. Para meus alunos, esse é um trajeto comum: domingo é dia de visita a algum parente preso no CDP – Centro de Detenção Provisória, que fica nas mesmas instâncias da Papuda. Deste modo, o primeiro capítulo tem também a importância de abarcar a metodologia do trabalho exposto, bem como o intuito de colocar em questão aspectos contraditórios materializados no dia a dia das aulas. Nesse sentido, a teoria da *dominação masculina* estará presente como proposta para análise na maior parte do texto tendo em vista que quando se fala em dominação, Bourdieu (1996) em sua

³ Pág. 25

etnografia, aborda noções e problemáticas da submissão paradoxal do que ele denomina de violência simbólica observada na Cabília, ambiente em que ele observa tais fatos.

As características inerentes aos adolescentes como a linguagem que adotam, carregada de gírias o estilo de vida relacionados à maneira de pensar, de falar ou agir, serão abordados no capítulo seguinte. A “cadeia” é um ambiente ao mesmo tempo que familiar para muitos deles, estranho para outros que passam ali pela primeira vez. Portanto, uma nova forma de linguagem e vocabulário é utilizada entre os internos e nesse sentido, todo o texto irá apresentar este aspecto que me pareceu importante visto que, é através da linguagem como instituição que os adolescentes estabelecem a ponte subjetiva entre a comunicação com o outro e enfatizam a sua masculinidade (BERGER; BERGER, 1994). As salas de aulas são pichadas e as “prezas”, isto é, o apelido ou nome na pichação que pratica na rua, podem ser observados. Tendo em vista que a unidade socioeducativa se assemelha a uma prisão – inclusive ter por sido uma no passado – pude observar que os internos fazem jus ao fato de estarem em privação de liberdade e encaram a situação às vezes até com orgulho. Outros me relataram diversas vezes que o ambiente da unidade é uma verdadeira “fuleragem” me fazendo compreender que ele não levava a sério o período que está cumprindo medida. O mesmo aluno em sua fala inclusive fazia questão de reiterar que aos 18 sua ficha seria limpa e, portanto, ele poderia voltar para rua sem nenhuma complicação posterior.

Começo a trabalhar na unidade e reconheço o quanto o ambiente é diferente de todos os lugares que já fui, e a partir do momento que decido fazer da minha experiência o meu campo para essa etnografia, trato de incorporar a observadora participante de uma jornada com data para acabar. Quando deixo de enxergar os adolescentes como objeto de pesquisa e de tamanho distanciamento, permito me aproximar de suas realidades. Percebo que a conquista da confiança é uma via de mão dupla. Entro na brincadeira, como Geertz (1973) quando narra a Briga de Galos em Bali e as minhas experiências tornam-se mais sinceras, a abertura dos alunos mais fáceis de acontecer. É como se em determinados momentos eu fosse amiga deles, pelo acesso à linguagem, pela idade não tão distante e pelos gostos compartilhados.

Nesse sentido, aspectos mais íntimos e nem sempre revelados por todos, como a vida pessoal de cada um, a relação que possuem com as drogas, as atrocidades que já fizeram, são diálogos que acabam fazendo cada vez mais parte do nosso cotidiano. Em outro momento desse trabalho irei descrever um pouco mais sobre o papel das drogas, e

em específico a “língua azul”, um antidepressivo comumente utilizado pelos adolescentes. Outros detalhes que julguei importantes estarão presentes ao longo do trabalho, como o papel do RAP enquanto cultura incorporada. Por fim, apresento um pouco sobre a perspectiva do pesquisador Marcos Rolim (2014) a respeito da problemática da criminalidade que, em sua pesquisa, mostra ter origem em diversos aspectos relacionados às particularidades da vida do adolescente em conflito com a lei. No entanto, o autor procura objetivar o seu trabalho na busca pela etiologia do perfil violento do jovem onde um dos principais caminhos apontam para a relação entre a violência extrema, abusos e agressões praticados na infância e a dinâmica social no Brasil que faz com que jovens da periferia sejam excluídos da escola muito precocemente, entre 10, 11 e 12 anos.

2 A CHEGADA

A Unidade de Internação Provisória de São Sebastião (UIPSS) situa-se no mesmo terreno da fazenda conhecida pelos noticiários policiais e jornais em sessão de manchetes trágicas: a Papuda. O local abriga aproximadamente 12 mil dos 15 mil presos do Distrito Federal, segundo o Geopresídios⁴. O Complexo Penitenciário da Papuda é formado por 5 presídios⁵ e a UIPSS, unidade de internação provisória para adolescentes em conflito com a lei desde 2003.

Anteriormente, a UIPSS chamava-se CESAMI – Centro Socioeducativo Amigoniano, e era gerenciado por freis e padres. O ambiente pode ser facilmente comparado ao de uma penitenciária. Recordo-me do meu primeiro dia na unidade. No caso de um servidor, é necessário que esteja vestido de forma adequada ao local: sapatos fechados, calça comprida e camiseta. Não é permitido o uso de roupas coladas, decotes e brincos grandes ou adereços chamativos; não é permitido o uso de óculos escuros, celulares ou qualquer outro utensílio que possa filmar ou fotografar o interior da unidade.

Sempre que conto a alguém onde trabalho, sou bombardeada por indagações curiosas sobre o local. É comum a surpresa quando digo que as salas de aula ficam no próprio complexo da UIPSS. Isso porque o que hoje é um centro socioeducativo, antes ainda da gestão dos padres, foi também a penitenciária feminina do Distrito Federal (atualmente situada na cidade do Gama – DF, a “Colmeia”).

Trabalhar na escola do centro socioeducativo que, como já foi dito, fica nas próprias instalações da unidade, é viver um constante paradoxo, em diversos aspectos. Faço agora o convite ao leitor de imaginar-se em meu lugar quando recebi a notícia de que fora chamada, através do concurso para professora de contrato temporário, para atuar em uma escola que atende adolescentes que cumprem medida socioeducativa. Imagine-se como uma mulher de 22 anos, recém-graduada em licenciatura, sem experiência alguma com a docência, e que esperava de tudo em minha primeira experiência: escolas sem infraestrutura e alunos que não se interessam pela disciplina, como comentam meus

⁴ Geopresídios é uma Radiografia do Sistema Prisional; Dados das Inspeções nos Estabelecimentos Penais. Relatório Mensal do Cadastro Nacional de Inspeções nos Estabelecimentos Penais Disponível em: http://www.cnj.jus.br/inspecao_penal/gera_relatorio.php?tipo_escolha=comarca&opcao_escolhida=14&tipoVisao=estabelecimento. Acesso em 05 dez de 2017;

⁵ CDP (Centro de Detenção Provisória), CIR (Centro de Internamento e Reeducação), e as Penitenciárias do Distrito federal I e II.

colegas de curso e trabalho. Preocupava-me como faria para cumprir com meu trabalho em sala de aula e fora dela, com diários de classe a ser preenchidos, provas para elaborar e corrigir. Nada disso me aguardava.

Assim que chego ao Núcleo de Ensino, como é chamada a escola da unidade, sou apresentada ao corpo docente à medida que os dias vão passando. Recordo-me de uma professora contar que cada um ali tem um apelido – o dela, Cabeção porque é muito inteligente – e me apresentou os demais, que estavam na sala dos professores com seus respectivos apelidos, nomes e disciplinas que ministravam. A Penélope, Língua Portuguesa, porque sua aparência e vaidade lembram àquela do desenho animado; o Pitoco para o professor que não tem um corpo que condiz com a disciplina que ministra: Educação Física; Tonho Retratista para o professor de Artes que sempre fotografa os eventos da escola; A Lady, coordenadora pedagógica, que sempre se porta como aquela que tem um lado mais diplomático nas discussões do grupo e a Bruxinha, professora de Artes que tem uma risada digna da dubladora da Bruxa Onilda. Não demorou muito para que eu fosse batizada com um apelido também, como num rito de passagem. Pela minha pouca idade e falta de experiência anterior, não poderia surgir outros a não ser “menor aprendiz”, “estagiária” ou “mirim” o mais afetuoso deles dado pela Sara, supervisora da escola. Se ritos de iniciação marcam a transição de um status social para outro de forma simbólica, naquele momento por mais que haja uma contraditoriedade no apelido, senti como se eu deixasse de ser a recém-formada para fazer parte da categoria que se reconhece como professores.

Por mais que eu não me importe e até entre na brincadeira, fato é que, inexperiente e recém-chegada à Secretaria de Educação, estaria vivenciando restrições que recaem ainda mais sobre mim, um corpo feminino em um espaço masculino.

É nesse sentido que percebo como a “cadeia”⁶ trata-se de um ambiente masculino, violento e opressor quando o contrário é evidenciado na escola que ali e em geral aparenta cumprir o papel de ser mais humana e afetiva. Essa diferença, por exemplo, ficou evidenciada para mim quando como me contava a supervisora da escola ao adentrarmos a unidade no meu primeiro dia, no fato de que para evitar qualquer constrangimento ou

⁶ É comum aos profissionais do local referir-se à unidade socioeducativa assim ou em seus sinônimos (presídio, detenção, entre outros), talvez pelo vício da fala dos próprios internos em nomear o local dessa forma; talvez pela aparência do local, insalubridade, grades e barulho das trancas que são iguais ou semelhantes a de uma cadeia de verdade.

situação mais danosa entre o corpo (feminino) docente e os agentes (principalmente homens) devemos utilizar um jaleco que cubra o corpo até os joelhos. Alguns alunos brincam que pareço às vezes a enfermeira da unidade mais do que uma professora.

Pelo que pude observar durante o período em que ali estive o papel que a escola desempenha na unidade é o de proporcionar aos internos um ambiente de aprendizado, criatividade e para esquecerem, nem que seja por um momento, que estão privados de liberdade. Todo evento, palestra ou data comemorativa no calendário da Secretaria de Educação é pensado pelo corpo docente da escola, em seus detalhes, para promover um espaço que, ao fim e ao cabo, seja afetivo. Um exemplo disso foi quando eu acabava de chegar na escola e na semana anterior havia tido uma culminância para contemplar a Páscoa. Houve teatro, música, e até a visita de algumas mães aos adolescentes. Uma professora ficou incumbida de fazer uma sensibilização através de suas palavras e a fé cristã foi evidenciada. Sobre esse aspecto, devo mencionar, a religiosidade apresenta ser uma constante nos eventos da escola e há sempre uma boa recepção dos alunos. Depois de um tempo dando aulas, sempre que saio da sala para o intervalo ou para ir embora deixo um sincero “fiquem com Deus” na intenção de desejar o melhor para os alunos, tal como eu poderia dizer “fiquem bem” ou “cuidem-se”. Este ato simples modificou a minha relação com os alunos, conferindo maior respeito a mim como professora e pessoa, imagino. A identificação religiosa com o cristianismo confirma uma característica que ficou evidente para mim logo no primeiro mês: para os adolescentes, crer no Deus cristão o faz menos pecador e digno de perdão, inclusive o perdão do juiz se assim for preciso, me explicava uma vez um aluno.

Nesse sentido as figuras femininas e um tanto maternas que compõe o corpo docente me fizeram enfrentar um dilema pessoal e epistemológico. Inconformada com a conformidade da regra do jaleco principalmente por parte das professoras do Núcleo de Ensino e até mesmo da chefia composta em sua maioria por mulheres compreendi, que para além de uma questão política e social tangenciada pela norma imposta, é passível de compreensão também aceitar a imposição. Em uma conversa com a coordenadora pedagógica, Sylvia, compreendi quando ela disse sobre a decisão da escola ser uma medida de autopreservação das mulheres para as mulheres diante o ambiente machista de trabalho. “Quanto menos dor de cabeça nesse lugar, melhor”.

A unidade acolhe adolescentes com idades entre 12 e 18 anos de idade, conforme o Art. 2º do ECA⁷, onde cumprem medidas socioeducativas que são medidas aplicáveis a adolescentes autores de atos infracionais previstas no art. 112 do estatuto. Apesar de configurarem resposta à prática de um delito, apresentam um caráter predominantemente educativo, como consta no *site* do TJDF – Tribunal da Justiça do Distrito Federal⁸.

A UIPSS é uma unidade de internação provisória e isso significa que o adolescente ali internado está em regime de cautela por um tempo provisório. A medida socioeducativa, ou a “sentença”⁹, no linguajar da “cadeia”, só é cumprida em outra unidade de internação não provisória. Segundo consta também no *site* do TJDF, o adolescente pode ficar internado até no máximo 45 dias em unidades especializadas (como é o caso da UIPSS) aguardando a decisão judicial. Durante esse período, é feita a instrução do processo, havendo duas audiências. Na primeira, são ouvidos o adolescente e seus responsáveis (interrogatório). Na segunda, são ouvidas as testemunhas de defesa e de acusação. Nessa fase de internação, o jovem pode receber visitas dos pais. No caso de parentes não consanguíneos, como cônjuges ou companheiras grávidas, é necessária uma autorização judicial.

Durante a minha pequena experiência, entre uma conversa e outra com os alunos, eles me fizeram compreender, a partir de suas perspectivas, como é o funcionamento do sistema, para além do que está previsto em lei e que, mesmo indiretamente, faz parte da “vida de cadeia”. Uma vez, um deles me contou que a situação para presos adultos é diferente e é isso uma das principais diferenças entre cometer um delito e se arriscar enquanto ainda é adolescente, ou seja, “pagar para ver porque não dá nada”, do que quando ultrapassa a maioridade. Um dos alunos do Módulo 5 comentava comigo, demonstrando pouca aceitação com o fato:

Os de maior, professora. Meu primo e meu pai estão ali... – ele apontava na direção do CDP que fica do outro lado da rua da unidade – e lá é assim, ó, às vezes você passa mais de 8 meses e não tem uma audiência nem

⁷ Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

⁸ Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/cidadaos/infancia-e-juventude/informacoes/medidas-socioeducativas-1#section-9>

⁹Dizer que um adolescente foi sentenciado é também outra expressão comumente utilizada no cotidiano da unidade, apesar de nos termos da lei o emprego estar incorreto, tendo em vista que de acordo com ECA, o jovem recebe uma medida socioeducativa de maior tempo, em outra unidade – esta, especializada para tal atendimento.

sabe quando vai ter, fica lá sem necessidade. (Artur, 17 anos, morador da Cidade Estrutural, um bairro da região administrativa do SCIA no DF)

Ele batia na palma da mão, com os dedos da outra, como quem quer provar algo. Apontando com o dedo indicador de forma agressiva o meio da mão, em uma clara expressão de raiva e indignação.

Sempre inocentes, de 10 alunos em aula (o que é comum), 3 ou 4 querem me falar que estão ali por causa de um “forjado”. Aprendi no cotidiano do ofício, junto a outros professores um ritual que se repete com todos os alunos que ali chegam e tem o seu primeiro dia de aula com aquele professor. Para quebrar o gelo e tentar incorporar o aluno à sua aula, pergunta-se qual o nome, de onde veio, se estava estudando e em qual série caso estivesse e, por fim, a idade. Essa pequena entrevista também possui outra finalidade, que é o preenchimento do relatório de entrada e de saída do aluno. O de entrada vai para as mãos do juiz com apontamentos e impressões gerais que os professores do módulo a qual pertencem tiveram em relação ao dia a dia na sala de aula. O outro será devolvido à família do adolescente como comprovante de que esteve estudando durante o tempo em que permanecia na unidade. Serve para justificar faltas se estava matriculado lá fora, ou caso queira retomar os estudos, facilita a entrada em uma nova “escola da rua”¹⁰.

Em cada porta de sala de aula, é necessário que haja um agente socioeducativo que está ali para apoiar o trabalho docente. Segundo o SINASE, para cada 5 adolescentes, um agente é necessário. Porém, não é o que acontece na UIPSS. Se a realidade de oito, nove até dez alunos em uma sala de aula é comum aqui, em outras unidades do DF, o agente recusa-se a fazer o “apoio”. Essa flexibilidade, por mais que infrinja uma regulamentação prevista no Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo, é fruto de uma boa relação entre o Núcleo de Ensino e a gestão de segurança da unidade, a GESEG.

Durante as aulas, não raro é comum que os agentes conversem no corredor, atrapalhe o andamento da aula que já não possui uma infraestrutura adequada para tal. O fato das salas de aula estar dispostas frente a frente já é um aspecto que dificulta. A conversa ecoa pelos corredores da escola e é possível ver a movimentação ainda do lado de fora, nos corredores centrais já que o M5 fica mais próximo à saída e ao atendimento psicossocial e enfermaria. O entra e sai é constante, o barulho metálico das chaves dos

¹⁰ A escola da rua são os centros públicos de ensino das cidades do Distrito Federal. O contrário, escola de cadeia é ter passado pelo sistema socioeducativo e tido aulas que correspondem ao período letivo que estavam se estivessem na escola.

portões e algemas quebra a concentração de qualquer um ao tentar realizar uma atividade que demande silêncio. De forma aparentemente proposital, muitos agentes abrem e fecham os portões com agressividade, aspecto que faz a unidade parecer cada vez mais com uma cadeia de série da Netflix.

No começo, quando eu ainda estava em uma espécie de “estágio probatório” – procedimento padrão para um professor novato começar a reconhecer o território da escola na unidade – assisti à aula de um professor de História, e depois das perguntas de praxe ele logo perguntou ao menino esmirrado e franzino que se sentava à direita encostado na parede e meio cabisbaixo. “Rodou por que, Vinícius?”.

A partir daí o diálogo para mim, que acabava de chegar, era praticamente inteligível por conta das gírias que compõe a linguagem da “cadeia”. No início, entre uma e outra atividade, numa tentativa de me aproximar perguntava-lhes o motivo de estarem ali. Raramente falam os nomes dos crimes cometidos, citam uma série de códigos penais, referentes ao motivo pelo qual foram pegos: 155, roubo; 157, assalto à mão armada; 121, assassinato; 180, receptação. No entanto, à medida que o adolescente se sente mais à vontade, confortável e confiante, é comum que ele conte a sua história e outros detalhes da sua vida. Quando isso acontece, valorizo a fala dele, pois sei que o momento é único, raro e intransferível. Impedir que o aluno continue e/ou deixe para depois essa narrativa é uma quebra irreparável de um momento que pode servir de ajuda para novas visões – tanto para o adolescente, quanto para mim, no papel de professora que todo dia aprende a lidar com as particularidades de cada aluno.

No trabalho aqui proposto, irei utilizar como fontes as minhas observações elaboradas diante minha atuação como professora da unidade, algumas histórias pessoais dos alunos colhidas ao longo de minha trajetória, além de narrativas por eles escritas e atividades em sala de aula. Tendo como objetivo compreender de que maneira a masculinidade é construída nesse ambiente específico, e de que forma pode-se argumentar com a ideia de que masculinidade é um sistema de poder hegemônico que classifica os homens “masculinos” acima daqueles com traços “femininos” (CONNEL, 1985) – seja eles físicos ou socialmente construídos, como é o caso desta etnografia.

Busquei analisar os processos diários de vivência dos adolescentes em sala de aula internados na UIPSS a partir da perspectiva de gênero. Percebi que os discursos dos adolescentes caminham em direções opostas. Ali dentro, estão sensibilizados e

arrependidos. Lá fora, voltam às atividades que os fizeram cumprir a medida socioeducativa.

Pierre Bourdieu (1998), escreve que a divisão dos sexos parece estar na “ordem das coisas” segundo oposições: masculino/feminino, alto/baixo, fora/dentro, escola/estado, polícia/professor, agente/assistentes sociais. O autor francês argumenta que vivemos sob a ótica da dominação masculina. Sua teoria é útil quando descreve o fenômeno como uma violência simbólica, passível de aceitação social tendo em vista a estrutura patriarcal na qual se organiza a sociedade onde é inevitável não ser atingido. Ela está presente ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas ou esquemas de percepção, de pensamento e de ação (BOURDIEU, P. pág. 8). Segundo Bourdieu (1998):

(...) sempre vi na dominação masculina e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 1998, p. 11).

De acordo com o ECA (Estatuto da Criança e Adolescente), o jovem que cumpre medida socioeducativa em uma unidade de internação como é na UIPSS, passa por alguns processos já conhecidos pela maioria dos meus alunos que, infelizmente, fazem parte e endossam os dados de reincidência. Após os 45 dias, recebe a conhecida “libera”, que os permite voltar para casa; podem ter pego uma “LA”, o direito de ser julgado em liberdade assistida; ou ainda serem contemplados com uma “semi” (semi-liberdade), o regime de semiaberto. Outro quadro, o mais temível, é receber a medida de internação por até três anos em outra unidade onde ficam totalmente privados de liberdade, sem intervalos. Importante deixar claro que o “menor” de 18 não tem antecedentes criminais por serem inimputáveis¹¹. A inimputabilidade penal, se for absoluta, significa que não importam as circunstâncias, o indivíduo definido como "inimputável" não poderá ser penalmente responsabilizado por seus atos na legislação convencional, ficando sujeitos às normas estabelecidas em legislação especial. No entanto, há a obrigação para com a sociedade

¹¹Constituição Federal de 1988 - Art. 28; Código Penal Brasileiro- Art.27; Estatuto da Criança e do Adolescente - Art.104.

devido o ato infracional cometido. Ao cumprir sua medida socioeducativa, estará esse adolescente (ou adulto, se saiu acima dos 18), sem dívidas e, portanto, sem antecedentes.

No Distrito Federal, existem seis Unidades de Internação: a do Recanto das Emas (UNIRE); a de Planaltina (UIP); a de São Sebastião (UISS); a de Santa Maria (UISM), a única que recebe meninas; a de Saída Sistemática (UNISS); e a Unidade de Internação Provisória de São Sebastião, onde atuo como professora.

2.1 O caráter provisório

Azar ou sorte, após aprovação em concurso para professora temporária de Sociologia da Secretaria de Educação do Distrito Federal, eu fui chamada para trabalhar em um núcleo de ensino de uma unidade de internação. “É para trabalhar na Papuda”, dizia a moça na ligação. E sem muito saber como eu reagiria ao convite fui, no dia seguinte, à Regional de Ensino para uma prévia conversa com uma funcionária administrativa. No dia anterior já pelo telefone me atentou para o trabalho diferenciado que me aguardava. Para tanto, seria necessário que eu me encontrasse com a supervisora da escola, Sara, da unidade para uma entrevista. Diversas expectativas e curiosidades permeavam a minha mente. Estava ansiosa, mas tentava manter a calma e a coragem. Afinal, eu nunca nem havia pisado em um ambiente como o que me esperava: o complexo penitenciário. Acenei para o ônibus e fui, pela primeira vez, à cidade de São Sebastião – DF.

Durante toda a minha graduação em licenciatura, conseguia imaginar meu primeiro dia como professora. Seria em uma sala cheia de alunos, ao menos 35; prepararia aulas segundo o projeto político pedagógico da escola, sem me esquecer ou fugir do conteúdo e lembrando que, ao final do ano, teria que me preocupar com as provas do ENEM, PAS e vestibular a fim de dar uma orientação para os alunos. O tempo, como de costume, cinquenta minutos de aula o que seria pouco, mas é como acontece. Além dos diários de classe para preencher e elaborar provas semestrais. A escola da unidade, no entanto, funciona de maneira totalmente diferente da tradicional que todos conhecemos.

A começar pela sala dos professores, ambiente que eu sempre gostei de estar na escola em que realizei o estágio supervisionado durante a graduação, tanto pelo momento de descontração e receptividade, mas também por demonstrar ser um dos locais de compartilhamento de ideias entre professores. A escola fica do lado de fora do grande portão de ferro que separa as instâncias da “prisão” da liberdade da rua. Junto à sala, há

um depósito, almoxarifado, onde contém todo o material de papelaria que pode ser por nós utilizados; as salas da supervisora e coordenadores pedagógicos e, ainda, uma copa para os cafés e até almoços dos professores. Em dias de Coordenação Pedagógica e Conselho de Classe, é o recinto mais visitado pelo perfume da comida simples, porém deliciosa que a professora Mara faz para todos (afinal, restaurantes e o comércio local fica um tanto distante dali). Esse ambiente que pouco se assemelha a uma administração de uma escola tem móveis antigos, alguns até danificados, que compõe o chamado Núcleo de Ensino da Unidade. Em um desses dias, a Dona Feliz que trabalha na empresa terceirizada de limpeza, me pedia uma ajuda para decifrar alguns papéis que pareciam rascunhos velhos ao lado da copiadora e que não mais seriam utilizados. “Professora, vê aqui se posso jogar fora? ”. Averiguando a papelada, um pedaço do canto da mesa se desfez, a madeira de anos, segundo ela, estava muito desgastada e cedeu. “É o patrimônio do GDF, professora! O que sobra vem para cá”

De fato, pude perceber que a julgar pela aparência do local, outras escolas tinham mais recursos disponíveis, uma melhor estrutura. Às vezes dispõem de salas mais amplas, sofás, e até ar condicionado. Não é o caso da “escola de cadeia” onde um sofá rasgado, o ventilador e um velho arquivo compõe o ambiente. O estado em que os objetos de trabalho do local estão só me fazem compreender melhor a fala de Dona Feliz e também o motivo de ser, a tanto tempo, um local de trabalho provisório já que antes abrigava outras instâncias da Secretaria de Justiça – SEJUS. Em uma conversa sobre o caráter provisório da escola com a supervisora Sara, ela comentava comigo para que eu de fato entendesse: “Tudo aqui é puxadinho, ajeitadinho. Aqui não era para ser escola, como está previsto no SINASE ou como são as escolas que existem nas outras unidades de internação”.

O SINASE é o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo e no corpo do seu principal documento consta como cada unidade de internação deve ser. Desde a sua planta baixa e pormenores arquitetônicos, até as instâncias da escola. No eixo Educação, lê-se que é comum a todas às entidades e/ou programas que executam a internação provisória e as medidas socioeducativas:

(...) redirecionar a estrutura e organização da escola (espaço, tempo, currículo) de modo que favoreça a dinamização das ações pedagógicas, o convívio em equipes de discussões e reflexões e que estimulem o aprendizado e as trocas de informações, rompendo, assim, com a repetição, rotina e burocracia. (SINASE – Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo) Disponível em: <www.conselhodacrianca.al.gov.br/sala-de-imprensa/publicacoes/sinase.pdf>

O espaço é cercado por um gradeado alto e portões automáticos de ferro. O arame farpado na parte superior e inferior reforça a segurança e impede a tentativa de fuga dos internos, deixando o cenário mais característico ainda a de qualquer cadeia vista em filmes nacionais. No caso de visitantes, parentes dos adolescentes ou advogados, ao passar pelo portão automático, é necessário que se identifiquem ao agente responsável pela recepção. Em dias de visita, o movimento aumenta e algumas vezes é possível encontrar um aluno que tenha recebido a “libera” e esteja reencontrando a família que na maioria das vezes é composta somente pela mãe e uma irmã ou namorada.

Ao adentrar a unidade, passar pela primeira grade e explorar os espaços de convivência dos internos como o pátio, é nítida a forma como o local é um tanto largado, não passa por uma pintura nas paredes há um bom tempo. Chama a atenção o estado de insalubridade dos módulos, o cheiro ruim e úmido que vem das descargas que, importante mencionar, só pode ser acionada pelo lado de fora dos quartos pelos agentes de plantão no módulo. Isso porque, segundo me contava um agente alto e forte que sempre ia de boné para o trabalho, qualquer pedaço de cano pode virar uma arma nas mãos dos adolescentes. Eles depredam com facilidade as instalações elétricas, e até mesmo o concreto da parede, na tentativa de arrancar dali um pedaço de ferro denominado de “espeto”. O odor do suor some quando chega a hora da escola. Em cada quarto tem um chuveiro e uma privada. São raros os alunos que vão para as salas de aula sem antes tomar um banho e escovar os dentes. Segundo eles é por “respeito às professoras”. O contrário é observado em salas de aula da manhã, com os adolescentes internos mais novos, de idades entre 13 e 14 anos que não possuem hábitos de higiene como os mais velhos, muitos deles são inclusive moradores de rua.

Nesse sentido, a escola da unidade é composta por dois corredores que atende os módulos 1, 2, 3, 4, 5, PIF e MD que é como são divididos e setorizados os adolescentes nos quartos. As divisões dos módulos referem-se às idades. Já o PIF e MD, referem-se ao que se chama de “seguro” em uma cadeia tradicional. Ou seja, é destinada aos adolescentes que não têm um bom comportamento e apresentam insegurança para ele e para outros. É no PIF onde ficam, por exemplo, os homossexuais como medida de proteção e também o interno com suspeita de estupro. No ato da entrevista fui logo advertida pela supervisora do funcionamento interno da escola na unidade, suas competências, responsabilidades e postura esperada do docente. As aulas para o módulo que eu lecionaria, contempla o horário vespertino. Entramos na sala de aula às 14 horas

com intervalo de trinta minutos às 15h30, retornando à sala de aula às 16:00. A supervisora, com pulso firme e voz impositiva, me passava os detalhes. Um agente fica em cada porta de sala de aula, para cada módulo, normalmente 4 salas de aula são abertas no dia, a depender do efetivo de agentes: vez ou outra, por qualquer motivo que seja, um agente se ausenta e menos turmas são abertas com maiores quantidades de alunos por sala. Esses são dias mais turbulentos e cansativos, pois dar conta de 7 ou 8 alunos não é a mesma coisa do que quase 15.

Um acordo entre a escola e a gestão de segurança da unidade prevê que não pode haver mais de quinze alunos por turma. O comum é ter em sala de aula uma média de 8 ou 9 estudantes em cada horário. Para o procedimento a seguir, ela me recomendou bastante atenção. “Professora, tudo que vai volta. Repito: tudo que vai volta”. Prontamente entendi e ela continuou a explicar que não há restrição alguma para utilização de qualquer material didático, desde que tudo o que eu leve, retorne e retorne sem danos. Nesse momento, o papel do agente em sala de aula se faz necessário. Ele ou ela, deve contabilizar na minha frente e na frente de um aluno que testemunha a contagem dos lápis de escrita, de cor, borrachas, apontadores, tesouras, régua, e a infinidade de materiais que eu quisesse e me responsabilizasse por cada item. E, para cada item, uma história de como os adolescentes podem utilizar para algum fim.

Aqui dentro muitos têm tendência ao suicídio, o lápis pode servir para se matar, matar um colega de quarto, ameaçar um agente ou nos casos menos piores, pode ser utilizado como moeda de troca principalmente por utensílios de higiene pessoal que alguns deles recebem em dias de visita da mãe ou namorada e garantem benefícios em relação aos demais. No caso do apontador, certifique-se de ter voltado com a lâmina; com os lápis, se não estão com a ponta quebrada... as canetas devem entrar sem a tampa. Tudo deve ser contado na entrada e na saída, entendeu?

–E a borracha, para que eles poderiam querer?

–Eles cortam e picotam em miúdos pedaços para introduzir nos cadeados até que se solte.

Naquele momento compreendi a rigorosidade necessária e que iria lidar com um grupo totalmente diferente do que tinha imaginado, de forma romântica demais até, a minha experiência de professora.

Por tratar-se de uma unidade provisória e do tempo de permanência de cada adolescente ser de 45 dias, é impossível que haja salas seriadas, como na escola tradicional. Portanto os adolescentes são alocados por idade. O grupo que atendo tem sempre 17 anos, se não 18 por ter feito aniversário no período de internação – salvo raríssimas vezes que aparece um aluno que tenha 16 anos. Tal organização implica em

um desafio diário: como adequar uma aula de sociologia a um aluno que já está na segunda série do ensino médio, mas, na mesma turma, outros três colegas não saíram do quinto ano do ensino fundamental?

Segundo a supervisora da escola, no mesmo dia da entrevista, a adaptação a esse sistema me tornaria ou não apta para o emprego. A Pedagogia de Projetos¹², diferente do conteúdo programático diário é o diferencial no Núcleo. É preciso aprender a ministrar aulas de forma mais lúdica, onde a minha linguagem se assemelhe à linguagem dos adolescentes em sala, considerando a limitação e dificuldade de cada um, bem como as suas iniciativas e tentativas de melhora e aprendizado – é assim que devo também avaliar o desempenho, já que não é possível avaliar de maneira quantitativa, com aplicação de provas, trabalhos, e notas em um boletim, por exemplo. A rotatividade de adolescentes na unidade é outro fator que acarreta a impossibilidade de continuidade de um conteúdo. Raras vezes seria possível realizar uma aula que tivesse como fim a execução em processos fragmentados em vários dias. Por isso, aprendi no cotidiano, que o ideal é preparar pequenas “aulas-palestra” com uma atividade prática ao final de cada aula, com duração de no máximo uma semana, para que (quase) todos os alunos do mesmo módulo sejam contemplados pelo tema. Mais à frente descrevo com detalhes como acontece uma aula na UIPSS que considero produtiva para mim e para o aluno.¹³

Aceito o desafio, é no cotidiano em sala de aula que pude perceber a realidade de estatísticas engessadas. Quanto à escolarização do jovem brasileiro, dados apontam que

Muito embora 92% (noventa e dois por cento) da população de 12 a 17 anos estejam matriculadas, 5,4% (cinco vírgula quatro por cento) ainda são analfabetos. Na faixa etária de 15 a 17 anos, 80% (oitenta por cento) dos adolescentes frequentam a escola, mas somente 40% (quarenta por cento) estão no nível adequado para sua faixa etária, e somente 11% (onze por cento) dos adolescentes entre 14 e 15 anos concluíram o ensino fundamental. Na faixa de 15 a 19 anos, diferentemente da faixa etária dos 7 a 14 anos, a escolarização diminui à medida que aumenta a idade. Disponível em: <<http://www.conselhodacrianca.al.gov.br/sala-de-imprensa/publicacoes/sinase.pdf>>

¹² O projeto de trabalho é entendido como uma oportunidade onde os alunos percebem que o conhecimento não é exclusividade de determinada disciplina. A articulação dos conhecimentos é objetivo fundamental deste tipo de projeto, uma vez que rompe com essa forma rígida de enquadrar os conteúdos. O corpo discente, ao procurar estudar os diferentes aspectos de um processo, terá a possibilidade de empregar na prática aquilo que foi aprendido em sala de aula e articular os diversos saberes. HERNANDÉZ, F. (1998).

¹³ Pág. 43

O adolescente em conflito com a lei está constantemente submetido a situações de vulnerabilidade. A grande maioria dos alunos é pobre, advindos de alguma região periférica de cidades satélites do Distrito Federal e interromperam o processo escolar muito cedo. Quando pergunto o motivo do abandono da vida escolar, respondem que a escola não é lugar para eles, que são “burros” ou já muito envolvidos com a “vida no crime”, portanto, não veem sentido em passar pelos processos tão longos na escola para posteriormente saber que será difícil conseguir um emprego, e caso consiga, eles me relatam dizendo que não querem ser empregados em um trabalho que ainda assim não pague o suficiente. É possível identificar nessas falas e em falas semelhantes que o adolescente possui baixa autoestima e um aspecto de inferioridade, apesar de ser o menino-problema de todas as escolas que ele provavelmente passou, por nunca poder desfrutar de uma atenção especial, com olhar sensível e mais humano como na escola da unidade onde principalmente a quantidade baixa de alunos por sala, faz da nossa profissão mais pedagógica, sensível e próxima.

2.2 O RAP como *habitus* e a periferia

Os estudos de Bourdieu apontam para o desenvolvimento de uma teoria acerca de perguntas pertinentes para a Sociologia que ainda não havia tido formulações como a que ele fez. Tais perguntas e as configurações culturais que podem ser observadas na estrutura social contemporânea fazem referência à tentativa de compreensão de particularidades no processo de construção das identidades no mundo moderno em especial a partir de mudanças institucionais e engendradas das agências tradicionais de socialização (SETTON, 2002). Nesse sentido, o conceito de *habitus* do autor francês, coube para melhor interpretação da relação entre os adolescentes em conflito com a lei e os condicionamentos sociais que o envolvem de forma subjetiva. Nesse sentido,

Habitus não é destino. Habitus é uma noção que me auxilia a pensar as características de uma identidade social, de uma experiência biográfica, um sistema de orientação ora consciente ora inconsciente. Habitus como uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas. (SETTON, 2002: 61).

Cada aluno possui uma visão de mundo, mas é possível perceber certo padrão nas escolhas e, de modo geral na matriz cultural dos adolescentes. O *habitus*, se incorporado pelo agente, isto é, o indivíduo, facilita a sua orientação nos domínios relativos à existência social de normas, valores e princípios que asseguram a adequações das ações

do sujeito e na sociedade como um todo (ALVES, *et al*, 2010). Ouvi diversas histórias de vida dos alunos e nunca antes ouvi tanto RAP – o que claramente me ajudou a compreender melhor a visão de mundo dos adolescentes que é fortemente influenciada pela cultura do RAP em específico abarcando todo o contexto da vida na periferia de modo inconsciente, importante mencionar.

Desde abril de 2017 trabalhando na escola, uma boa parte dizia ter sido atraído para o crime pelo dinheiro fácil que o tráfico de drogas promete. Começam cedo, no “corre”, e logo estão andando armados, repassando quantidades maiores, realizando roubos a lojas e assaltando pessoas nas ruas. O dinheiro serve principalmente para satisfazer os seus sonhos de consumo: roupas de marca, tênis, óculos escuros, relógios e para os mais bem-sucedidos no “crime”, o cordão de ouro – símbolo de poder, prestígio e que lhe confere status de “patrão”, isto é, de chefe. Em uma atividade que propus sobre autoconhecimento e identidade recomendada em experiência pela professora Fanis, de Artes, os alunos deveriam desenhar a si mesmos em uma folha onde já havia a silhueta de um homem. A regra era preencher com a roupa que mais gostam de usar. Em todos os desenhos, o boneco vestia uma camiseta e bermuda de marca muito conhecida e valorizada por eles, o tênis de corrida, com sistema de amortecimento e muito colorido, que em geral custa muito caro, óculos espelhados dignos de um ciclista ou surfista e, alguns deles, o tal cordão de ouro.

Não posso deixar de mencionar as tatuagens que fazem parte da vida de cada adolescente como uma forma de se manifestar no mundo. A mais comum é o nome da mãe no braço a fim de homenagear as pessoas que dizem mais amar. Outras possuem simbologias ora fazendo alusão ao crime de modo geral, ora demonstram ser uma forma de expressão como o palhaço que significa assassino de polícia; as máscaras do teatro que, se na arte representa a comédia e a tragédia, para os internos, representam o sofrimento e o choro de hoje em função da busca pela felicidade que virá amanhã; a dama da morte, símbolo da cultura popular do México que tem a função de lembrar que diante da morte não existem diferenças sociais; ou do Tio Patinhas, personagem de quadrinhos que ainda criança, de origem simples e humilde, ganha sua primeira moeda como engraxate, fazendo riqueza no futuro.

–Porque você desenhou um cordão amarelo aqui, Marcos?
–Pô, professora, é sinal de que o cara conseguiu chegar lá né, é patrão o cara. E as “dona”¹⁴ gosta também. Os caras que tem cordão têm várias, pode até escolher. É “flagrante”! Você não ia querer um cordão de ouro não? (Diego, 17 anos, morador da Samambaia – DF)

Respondo que sinceramente não. E conto-lhes ter tido um que meu avô me deu quando criança. Sei que os interesses são distintos. Um outro aluno comentava comigo as referências dos gostos que eles têm. Advém da música, do RAP e de uma cultura relativamente recente nesse contexto. Por volta dos anos 80, o a figura do gangster norte-americano se faz presente nas músicas do gueto. Os principais representantes que reverberaram essa cultura aqui no Brasil é o 2Pac, cantor muito querido pelos adolescentes que sempre pedem que eu leve suas músicas. Snoop Dogg, outro representante de peso reconhecido pela mídia, já relatou que compreende o “gangsta rap” como uma oportunidade para as pessoas do gueto, ex-membros de gangues ex-traficantes de drogas que não tem o que fazer. Um aluno me relatou algo parecido com a fala do rapper e disse-me que:

O traficante ou cantor de rap que já foi um traficante, mas tinha talento, eu entendo. Eu não tenho esse talento, eu não canto, mas quero ser como ele, professora. Ter os cordões de ouro, os “pisantes” da Oakley, as “peitas” da MDC, uma “juliete” e tomar cavalo branco. Até cheirar umas carreiras com as minas que curtem. Hum, como seria bom! (Vinícius, 17 anos, alto, porte forte e imponente; morador da Ceilândia).

O aluno concluía o raciocínio e fazia o sinal de separar e partir com as mãos, alusão à maneira como consomem cocaína noites adentro acompanhado de uísque. Prática muito comum quando o assunto é festas e ostentação. Quando, em sala de aula, o assunto recaí sobre drogas, os adolescentes inevitavelmente falam que acabaram “rodando” ou sendo “presos” porque antes do “corre” tomou uma “tela” (cartela) de Rohypnol (Flunitrazepam). A droga é um ansiolítico de aproximadamente 10 vezes mais potente do que o Diazepam, por exemplo. Durante uma palestra sobre drogas na escola da unidade, o mestrando em História das Drogas e a Ditadura Militar, Luiz Henrique Brandão, informava aos adolescentes sobre os efeitos da droga no cérebro. Na visita do palestrante, dado o ambiente informal e de abertura para tratar o assunto, foi possível ouvir dos alunos que o ritual para consumo da droga envolve a mistura do tranquilizante com uma droga

¹⁴ “Dona” é a gíria para namorada, esposa, ou mulher que os adolescentes amam e possuem alguma relação afetiva. Mais à frente haverá um capítulo sobre os significados da linguagem dos internos.

estimulante. Os mais ousados trituram os comprimidos e cheiram o pó, misturam com cocaína para aspirar ou na maconha para fumar. Os adolescentes que relatam ter usado Rohypnol descrevem os seus efeitos como “paralisantes”. Os efeitos começam de 20 a 30 minutos depois de tomar a droga, o ápice acontece após 2 horas e podem persistir entre 8 e 12 horas. Uma pessoa pode ficar tão incapacitada (incapaz de agir) que desfalece. Eles caem no chão com os olhos abertos, capazes de observar acontecimentos, mas completamente incapazes de se moverem. Posteriormente, a memória é debilitada e não conseguem lembrar-se de nada do que aconteceu. O efeito é conhecido como estado zumbi. A prática é comum: tomar o “boca azul” – como é conhecido o comprimido pela coloração que deixa na boca – e dar um “teco” no “pó”, tomar café ou Coca Cola. É “cheque” que o adolescente só acorda da “lombra” no dia seguinte para compreender o que aconteceu no dia anterior quando já está na unidade. “Acordei ainda maluco da lombra, ai percebi que tinha sido preso”.

2.3 Masculinidade Hegemônica e Dominação masculina

As questões de gênero fundamentadas ou não na dicotomia masculino – feminino ou em “macho” e “fêmea”, segundo Miguel Vale de Almeida em *Gênero, Masculinidade e Poder* (1996) demonstra ser uma metáfora para a criação da diferença. Para definir o aspecto teórico do presente trabalho, corroboro com o autor ao buscar uma análise não do “papel” sexual ou “papel” de gênero tendo em vista a dicotomia entre o indivíduo, o sexo e gênero. O que interessa aqui é a compactação entre “macho”, “homens” e “masculinidade”. Masculinidade e feminilidade, na visão do autor, são metáforas de poder e de capacidades de ação, tal como pude observar em Pierre Bourdieu (1998) na sua obra *A Dominação Masculina*. O autor francês compreende que as noções que diferenciam homem e mulher foram inicialmente inscritas na natureza biológica, para fins de compreensão científica. Nesse sentido, muitos estudos se debruçaram na tentativa de entendimento da diferença entre homem e mulher pela diferença do corpo físico de cada um, atrelado à biologia e medicina. Por outro lado, Bourdieu (1998) aponta para um caráter mais subjetivo de análise da questão, demonstrando que ao mesmo tempo, apesar das diferenças visíveis entre os órgãos sexuais masculinos e femininos, existe a *construção social*, ou como afirma Miguel do Vale (1996), apresenta um caráter móvel e contingente na relação entre masculinidade, homens e poder. Esse princípio tem início na divisão da razão androcêntrica de nossa sociedade que interpreta essa divisão nos próprios estatutos da sociedade.

(...) a divisão do trabalho, a estrutura do poder e a estrutura da cathexis (grosso modo, os sentimentos e as emoções) seriam os principais elementos de uma qualquer “ordem do gênero” ou “regime do gênero”, e como tal deveriam ser ponto de partida de análise. (ALMEIDA apud CONNELL, 1987).

Por isso, procuro sustentar, para fins teóricos e metodológicos, que a masculinidade nesse trabalho é abordada como um conceito que, subjetivada, orienta as práticas. Os estudos sobre masculinidades nascem em grande parte aliados ao pensamento feminista e buscaram levar a sério a afirmação de que o gênero não é uma questão apenas para mulheres, mas devem ser analisadas as relações entre elas e os homens (MONTEIRO, 2001). Se parto do pressuposto que gênero não deve ser visto apenas como fruto de uma diferença biológica imutável, o que nos mostram as teorias feministas é que o gênero deve ser observado como socialmente construído, como a compreensão de mundo. Todas as nossas práticas, de certa forma, estão ligadas à compreensão do gênero.

Monteiro (2001) em seu artigo *Masculinidades em revista: 1960 – 1990*, faz uma análise da performance da masculinidade em conteúdo de revistas dos anos 1960 a 1990 associada a teorias da masculinidade onde faz uma revisão bibliográfica apontando como uma das direções das literaturas para estudos de desigualdade de gênero (NASCIMENTO, 2005) e a masculinidade ligada a ideias de virilidade e poder (MACHADO, 2001). Partindo desse pressuposto, para mim enquanto professora ficou evidente que através da linguagem e do RAP enquanto forma de se expressar, que a masculinidade é exercida a partir do ideal de poder e virilidade como pode ser evidenciado nos relatos descritos neste tópico.

Desde quando ainda são crianças, os homens de nossa sociedade são expostos a constantes provações e questionamentos quanto à sua masculinidade. Nem sempre é fácil de reconhecer que esse processo tem raiz na forma como são educados pelos familiares ou no contexto social ao qual estão inseridos. Connell (1995) explica que a forma hegemônica europeia e americana, fortemente ligada ao ideal patriarcal do macho poderoso, agressivo e sem emoções, capaz de usar, com frequência, a violência para alcançar seus objetivos está se espalhando pelo mundo através do processo de globalização.

A mídia mostra com glamour o ideal hegemônico por meio de sua admiração a ídolos esportivos, do mundo musical (como fará sentido para esta etnografia) e em figuras bilionárias, como rappers. Sabe-se que a todo o momento, a indústria cultural cumpre o

papel de oferecer um referencial de masculinidade. Para os adolescentes internados, visto o ambiente em que vivem a principal noção do que deve ser um homem é o rapper. Nos últimos anos, uma vertente que vem ganhando maior aceitação entre o público é o funk ostentação. No entanto, a música que ligam os adolescentes à uma espécie de “raiz periférica”, segundo me contava um deles em uma troca de ideias, é e sempre será o RAP. Os alunos praticamente estabelecem ao ritmo musical uma relação de carinho. Nesse caso, o RAP também traz, em outras medidas, em propagandas, jogos e desenhos animados o que um homem deve fazer; como deve se comportar, falar, gesticular e se vestir; onde deve ir; a quem e como deve se referir e que, por favor, não seja algo que uma mulher faz, nem como se comporta, fala, gesticula nem onde ela vai e refere-se a outras. Essa negação do feminino coloca homens ainda muito jovens frente ao dilema que carregará para toda a vida: ou ele desenvolve e compartilha os seus sentimentos, fraquezas e dores, comparando-se à uma “mulherziha” ou os guarda para que jamais ninguém os veja. E se, por acaso chorar em público, será ridicularizado por outros homens. Essa “regra” é observada em entrevistados de diversas faixas de idade e classes sociais do documentário norte-americano *The Mask You Live In*, 2015¹⁵, inclusive para homens privados de liberdade no sistema carcerário onde é possível perceber, através da ótica educativa e psicossocial retratada no filme, a forma como os ainda meninos constituem a sua masculinidade em um ambiente claramente violento. Sua sensibilidade é esmagada desde quando ainda estavam sendo gerados por aqueles que não se espera que o faça: os adultos próximos da criança.

Após assistir a esse documentário e também ter começado a ministrar aulas de sociologia para os internos da unidade, fui atravessada por algumas questões: de acordo com a teoria bourdieusiana, como se constitui a masculinidade social de adolescentes de 17 anos privados de liberdade no chamado “mundo do crime”? Quais as consequências da *masculinidade hegemônica* observada na literatura de Connell (1996) quando aplicada à realidade do jovem da periferia e como essa lógica, observada em Bourdieu (1998), na qual as diferenças sexuais estão associadas a um conjunto de oposições que organizam o cosmos é perpetuada de forma naturalizada? Será que se poderia encontrar implicações do culto dessa masculinidade na evasão escolar desses adolescentes?

¹⁵The Mask You Live In. Direção: Jennifer Siebel Newsom. Roteiro: Jennifer Siebel Newsom, Jessica Congdon. 2015 (1h 37m).

R. W. Connell (1995), socióloga, dedicou seus esforços acadêmicos à compreensão do que denomina como “masculinidade hegemônica”. Seu conceito tem referência nos estudos de gênero, e reforça o paradoxo diante o modelo cultural onde a masculinidade é internamente caracterizada pela assimetria, como o homossexual/heterossexual e hierarquias de nuances mais ou menos “masculino”. De acordo com Almeida (1996), tal assimetria

(...) só pode significar duas coisas: que a masculinidade não é a mera formulação cultural de um dado natural; e que a sua definição, aquisição e manutenção constitui um processo social frágil, vigiado, autovigiado e disputado. (ALMEIDA, 1995: 3).

Pelo caráter vigiado, é possível compreender a reprovação daqueles que não se enquadram no padrão ostensivo de quem não possui as roupas e acessórios de marca que os adolescentes almejam vestir. Para compra-las é preciso, caso não haja dinheiro, “fazer o corre”, já que o vestuário possui valores exorbitantes e eles comentam que compram sempre com dinheiro à vista em shoppings da cidade. O Alexandre, aluno que atendi assim que cheguei à unidade por volta do mês de maio, era baixinho, branco, tinha os cabelos raspados e sempre um sorriso no rosto. Gostava de sentar-se à frente e conversar bastante comigo sobre as suas aventuras da rua. Contava-me, certa vez, que antes de ter sido apreendido e trazido para a UIPSS, havia feito uma compra de 3.400 reais em roupas, em um shopping conhecido em Brasília.

–E o que você comprou? – Indaguei curiosa, mas sabendo que ele estava empolgado e queria me contar.

–Comprei quatro peitas, professora, 3 bermas, e um “pisante” desses novos aís. Só o “pisante”, professora, foi mil e duzentos, assim dei à vista para o cara da loja. Tinha feito um corre bom, comprei o Mizuno. (Alexandre, 17 anos, morador do Pombal, Planaltina – DF)

Assustou-me a quantia em dinheiro para tão poucas peças de roupas. Para satisfazer tais prazeres, durante uma atividade e outra, quando estão mais à vontade em sala de aula, eles comentam sobre os pequenos roubos, inclusive de tênis onde a vítima é abordada por eles e fica sem seu calçado, algo comum. Para esses assaltos, utilizam armas de brinquedo, e é assim que conseguem facilmente celulares, colares, brincos, dinheiro de vítimas na rua. Quando sinto que o diálogo entre professora e alunos vai bem, falam sobre qual delito cometeram para estarem internados. Vez ou outra identifico no aluno a vontade de explicar uma conversa com alguém que não sejam as e os agentes, “sombra” vigias de tudo o que fazem. Esses momentos são muito especiais.

A forma com que Antônio fez para angariar fundos para comprar suas roupas de marca pode ser observado com o fato de que, quando busca em atos infracionais o sustento para seus desejos de consumo, o indivíduo vê nos roubos uma forma de ganhar dinheiro – e ganhar dinheiro como profissão. Ele sabe que é pobre, e que a vida é tão breve quanto o espaço curto de tempo em que ele irá gastar a quantia: com roupas, armas e drogas. O aspecto assimétrico descrito por Almeida (1995), portanto, faz referência à característica hierarquizante que é onde estão as ênfases másculas. Por isso é vigiada o tempo todo por eles próprios e a sociedade como um todo.

Diante o dinheiro que vem fácil e vai fácil também, a percepção volátil do dinheiro e da própria vida do adolescente me faz perceber que o ciclo se repete, de forma recursiva, por uma falha ou não alcance de políticas públicas e a falta de acesso à educação de qualidade às regiões onde moram os adolescentes. A situação de vulnerabilidade, portanto, corrobora com a violência simbólica. A música *Artigo 2* do grupo Redenção escritas no papel em pequenos versos por um aluno ao final de uma atividade retrata bem essa realidade:

Poder, poder, todos da quebrada um dia sonham ter,
O que fazer ? Quando a condição não favorecer,
Enquanto uns corre atrás com muito estudo e trabalho,
Altos muleques por aqui preferem pegar atalho,
Que se foda minha família, que se foda minha vida, que se foda minha
liberdade,
Tô cansado de miséria, vou fazer meu adianto como muitos da quebra
fazem,
Entrei no jogo, pode crê que não entrei pra perder,
Se pá se estão preparado pra matar ou morrer,
Aquela peita que eu sonhava vestir, o pisante que eu sonhava calçar,
Agora me pertencem véi nem dá pra acreditar,
Se qualquer folgado embarreirar a quadrada tá lotada,
Se eu precisar descarregar meto ficha e não dá nada,
O frevo rola na alta sem dó, mulher gostosa não falta nem pó,
Dizem que o crime não compensa mais minha vida hoje tá bem
melhor,
Ser respeitado na quebrada o que interessa,
Então me de só um motivo véi, pra sair dessa.

. Como já mencionado, o hip-hop americano, quando importado para o Brasil, inaugura uma nova lógica e papel do verdadeiro homem da quebrada, ou do que deve ser. A nova forma de expressão marginalizada alcança o patamar de referencial cultural da periferia. Os adolescentes em sala de aula comentam sobre os sonhos de consumo que remetem, em sua totalidade a artigos de luxo dignos de uma cena de um clipe do rapper 50 Cent.

É comum a eles não terem convivido e muitas das vezes nem sequer terem conhecido o pai, já que os abandonaram e moram com a mãe, avó, tia ou vizinha. Essa realidade se repete diversas vezes. Em sala de aula, nas cartas, no canto da folha de uma atividade realizada, muitos dos alunos escrevem mensagens de saudade e arrependimento para suas mães, as rainhas, seus filhos ou filhas. Perguntei uma vez ao Gustavo:

–E como você faz para sustentar? Você aqui, no CESAMI, e seu filho lá fora, com sua namorada que é “menor” também?

–Nós roubamos, né? É por isso que a gente rouba, Dona Bianca...
(Gustavo, 17 anos, alto e de expressão séria, morador da Expansão da Ceilândia)

3 A VIDA NO CRIME

É fácil perceber e identificar a maneira pela qual a masculinidade hegemônica de Connell (1996) torna qualquer atitude “menos masculina” dos alunos passível de questionamentos pelos próprios colegas. É direta também a associação àquilo que é contrário ao que entendem por “ser homem”, ou seja, em termos do senso comum, a homossexualidade. Nesse sentido, qualquer traço de feminilidade física ou psicossocial quer dizer naturalmente, para os colegas, que aquele o adolescente “só pode ser gay”.

Em uma de minhas aulas, no momento de apresentação, como de costume quando um novo aluno chega à unidade, Felipe respondera as perguntas iniciais e logo todo o restante dos alunos começaram a rir da forma como falava. Entendi, ao perguntar o motivo, que as gargalhadas eram porque Felipe possui a voz ainda fina apesar da idade igual a de seus companheiros, contrariando o que se espera – uma voz imponente, grave e firme de um homem de sua altura.

A evasão é uma constante na trajetória escolar dos internos. Em uma sala de aula composta por alunos de dezessete anos de idade onde nenhum sequer está perto de concluir o ensino médio é possível perceber que estudar não é a prioridade do jovem marginalizado. Como já mencionado, eles se envolvem no crime seduzidos pela facilidade em ganhar dinheiro. Alegam que a necessidade os faz roubar, alguns pelo básico: alimentação. Outros para satisfazer seus objetos de desejo e possuir o “jeitão” dos caras, isto é, querem se enquadrar no padrão exigido pelo grupo ao qual pertence.

Se por um lado a classe importa para determinar quem está ou não estudando, Bowles e Gintis (1976) lançam a discussão de que escola é algo que foi feito para os pobres tendo em vista que diversas instituições sociais são caracterizadas pelo exercício disciplinador do poder – característica observada como na própria arquitetura de uma escola. Nesse sentido, a teoria de ambos, parte do princípio de que as escolas preparam os pobres para que ajam bem, sem reclamar, na estrutura hierárquica do moderno local de trabalho. E, como fim, compreendem que, como a tendência no início do século XX era de que, numa tentativa de equiparar as desigualdades sociais, de maneira geral seria conveniente haver programas gratuitos de educação.

No transcorrer da primeira metade do século XX, a visão predominante atribuía à escolarização papel central na construção de uma nova sociedade que fosse justa, aberta e democrática, na qual o acesso à escola pública e gratuita garantiria a igualdade de

oportunidades. Foi, entretanto, no contexto da democratização do acesso à escola e do prolongamento da escolaridade obrigatória que se tornou evidente o problema das desigualdades de escolarização entre os grupos sociais. (ALVES *et al*, 2010).

No entanto, apesar de ser possível identificar que as desigualdades entre as camadas sociais ao longo do tempo diminuíram e de haver melhorias no sistema educacional como está posto, novas desigualdades surgem para tomar o lugar das anteriores (BOWLES e GINTIS p. 95). Isto porque os indicadores disponíveis pouco sustentam a ideia de que a escola esteja no caminho da igualdade de oportunidade na educação e no trabalho o que foi possível observar nas conversas que tive sobre escola com os adolescentes em sala de aula.

Um dia, projetei no quadro o mapa do Distrito Federal, e apresentei a atividade inicial para debate onde cada um situaria a sua residência. O objetivo da aula era fazer com que eles se reconhecessem como parte da cidade e provocar uma discussão posterior sobre distância centro e periferia. Desde que atuo na unidade, todos os alunos que passaram pela sala de aula, com apenas uma exceção, não moram no Plano Piloto, mas sim nas cidades satélites do DF. Muitos conhecem apenas a rodoviária, os pontos principais da arquitetura do avião de Brasília e os shoppings do centro da capital. Não há participação da cultura do centro com a periferia. A noção de aspectos culturais, quando pergunto a eles, por exemplo, se já foram ao cinema ou ao teatro, me faz pensar que de fato os espaços se separam não só pela distância em quilômetros, mas principalmente pelo que Bourdieu chama de distância simbólica.

Recordo da minha ingenuidade ao chegar no meu primeiro dia de aula. Todos os garotos sentados nas cadeiras endireitados por uma fileira maldisposta. A roupa totalmente branca, chinelos brancos, pele e rostos que acabaram de sair de um banho muito frio – que é a temperatura do chuveiro da unidade, e as tatuagens que cobrem os braços e pernas principalmente. Aos mais ousados, as mãos e o pescoço. No meu primeiro contato com os adolescentes, lembro de levar a proposta de ouvir e interpretar uma música do Criolo, rapper da periferia paulista, reconhecido pela crítica que já cantou ao lado de Caetano Veloso e outros clássicos da dita MPB. Eles não o conheciam, nunca nem tinham ouvido uma música se quer. Para mim, Criolo representa o que há de bom no rap brasileiro, tendo em vista as suas letras e poesia que cantam a sociedade e seus entraves do cotidiano do pobre da favela. Ledo engano. Para eles, o Criolo é um rapper que não

sabe muito bem o que é “travar” um som de verdade. Percebi que precisava alinhar meu discurso ao deles.

Me deparei inúmeras vezes com pedidos de que eu levasse a mesma atividade para eles, mas com outros grupos de rap “das antiga”: Facção Central, Tribo da Periferia, DJ Jamaica, Racionais MCs, Thiagão. Entrei em contato com as principais músicas dos grupos que eles me pediram. São letras extremamente literais, de fácil compreensão e cruéis por não utilizarem metáforas ou qualquer papa na língua, muito menos esconder o que é real na vida deles e dos que o representam. Em uma das aulas, resolvi conversar com eles sobre família e o papel da mãe de cada um em suas vidas – a tatuagem mais comum entre os adolescentes é o nome da mãe escrito com letras imperiais na parte do braço em que se protege o rosto em dias de sol muito forte. A música intensa e triste “Desculpa Mãe” do Facção Central remetia os alunos à períodos saudosos e é comum ouvir um ou outro dizer que essa música “pesa a lombra demais”. Por um lado, alguns revelam que é uma música que toca muito na “quebrada”, na casa de amigos, desde que era criança e como hoje em dia escutam muito mais o funk ostentação e o sertanejo universitário, eles lembram naquele momento da mãe deles nos trechos em que se ouve:

Quantas vezes no presídio me visitou
No domingo, bolacha, cigarro, nunca faltou
Vinha de madrugada, sacola pesada
Pra ser revistada pelos porcos na entrada
Rebelião, você no portão, temendo minha morte
Sendo pisoteada pelos cavalos do choque
Eu prometi que dessa vez tomava jeito
Tô regenerado, ouvi seus conselhos
Uma semana depois, eu na cocaína
Cala a boca, velha, sai da minha vida
Eu vou cheirar, roubar, sequestrar
Não atravessa o meu caminho, senão vou te matar
Sai pra enquadrar o mercado da esquina
Troquei com o segurança, tomei um na barriga
A polícia me perseguindo, eu quase pra morrer
Só tua porta se abriu pra eu me esconder”

Após a apresentação do clipe da música com a letra em sala de aula, propus que escrevessem uma carta para a mãe de cada um contando um pouco da relação que tinham com a “rainha” deles. Um deles não conseguiu, chorava timidamente baixo com os olhos avermelhados, enxugando as lágrimas na camiseta branca de uniforme da unidade. Ao perguntar o motivo do choro, ele me disse soluçando: “A minha mãe está no hospital.... Ela é cardíaca”. Ele se dizia arrependido de estar ali mais uma vez e que sabia que o ataque que teve dela era sua culpa já que foi na noite em que ele foi apreendido. Como eu, professora de Sociologia devo reagir à essa confusão que se instaura em minha mente

e também na sala de aula, com esse adolescente que choramingava apreendido do assalto à mão armada que tinha feito 7 dias antes?

Atuar em uma sala de aula composta por adolescentes de dezessete anos, idade em que deveriam estar concluindo o ensino médio, mas que ao contrário, mal saíram dos anos finais do ensino fundamental, corrobora com a ideia da falta de igualdade de oportunidades. A teoria de Pierre Bourdieu trata sobre como o capital cultural atua sobre a estratificação social, do centro para a margem, e reforça com o que Alicia Bonamino, Fátima Alves e Celso Franco (2010) escreve a respeito:

O capital cultural, no seu estado incorporado, constitui o componente do contexto familiar que atua de forma mais marcante na definição do futuro escolar da prole, uma vez que as referências culturais, os conhecimentos considerados apropriados e legítimos e o domínio maior ou menor da língua culta trazida de casa (herança familiar) facilitam o aprendizado dos conteúdos e dos códigos escolares, funcionando como uma ponte entre o mundo da família e o da escola. (ALVES et al, 2010: 492).

Porém, um outro viés pelo qual se aprende a ser homem é a linguagem como instituição. Nesse sentido, a teoria de Peter Berger (1994) sobre linguagem tem caráter de instituição tendo em vista que a ideia de instituição representa para um “dever ser” do que é organizado e socialmente convencionado como não-desviante à regra. Portanto, de forma objetiva, foi definido que a instituição social possui um padrão de controle, uma programação de conduta individual imposta pela sociedade como o hospital, a escola, e a prisão.

A “cadeia” demonstra ser um novo espaço institucional onde o adolescente em conflito com a lei está, mas que já faz ou fez parte de sua vida cotidiana. Portanto há que se perceber que um novo dialeto nasce e é utilizado pelos jovens enquanto passam pelo período de internação. No início eu acreditava que as gírias e palavras desconhecidas por mim eram utilizadas por todo garoto “da quebrada”. No entanto, um dia, Renato me explica que aquelas gírias se restringem às celas da unidade, e que na rua, fala-se outras.

Semelhante ao grupo de professores, os internos também batizam o novato quando entra com um apelido de “cadeia”. Este apelido pode ter vindo da rua, ou sido adquirido ali dentro, o que importa é que não sejam reconhecidos pelo seu nome. Segundo o dicionário Aurélio, gíria significa: s.f. Vocabulário peculiar de um grupo, profissão, ou classe social. (Sin.: calão, jargão).

A gíria dá um novo significado a formas já existentes ou que tenham sido alteradas nesse sistema linguístico comum. O objetivo da gíria é não se fazer entender por quem não pertence a um determinado grupo. Logo, ela pretende manter a identidade e a consciência de um determinado grupo social.

As gírias costumam nascer para ocultar o significado das palavras. É o caso, por exemplo, da gíria prisional, utilizada pelos presidiários para evitar que as suas conversas sejam captadas pelas autoridades, daí os termos usados na gíria serem temporários (provisórios): mal sejam adotados e usados em massa, deixam de ser utilizados (SANTOS, SANTOS e SILVA, 2016: 18).

O apelido mais comum entre eles é “menor”. Os adolescentes se reconhecem assim, demonstrando o senso comum a que está ligado o período entre a infância e vida adulta. Acredito que a força de expressão, modificada para termos técnicos como o atual *adolescente em conflito com a lei*, demonstra que tanto o período de transição entre ser criança e começar a ter responsabilidades se materializa no que os meus alunos compreendem como esse período em que são os “de menor”.

Este aspecto de transição geracional como um fator para o acelerar da fase adolescente para o tornar-se um homem responsável esmaga um período importante de desenvolvimento da identidade, linguagem e cultura. A adolescência enquanto período temporal da vida do ser humano só se tornou compreendida no século XX. No entender de Aguiar, Bock e Ozella (2001), a adolescência é um período de latência social, formado a partir da sociedade capitalista e tem sua gênese nas questões relativas à entrada do jovem no mercado de trabalho e na necessidade de uma formação técnica e profissional.

A divisão, no entanto, também pode ser demarcada nas atividades laborais que separam os dois períodos (ALMEIDA, 1996). Se o período da adolescência passa a ser reconhecido na literatura pela entrada no mercado de trabalho, é necessário que na sociedade atual, o jovem se especialize e busque objetivos em sua vida. Porém, alunos na unidade por vezes não os reconhecem como estudantes. Sua autoestima é baixa e se sentem inferiores aos demais, “escola é para as meninas, professora, as meninas que são caprichosas e elas sim, sabem aproveitar a escola” me disse uma vez um aluno cuja irmã, segundo me contara, estava cursando Pedagogia em uma faculdade de sua cidade. Quando se afasta da escola, com poucas chances de ser empregado antes dos dezoito e, sabendo que como estagiário ou jovem aprendiz em alguma empresa vai ganhar menos de 600 reais, os adolescentes se veem tentados a realizar outras atividades: as da rua. Portanto, aos homens reservam-se as atividades descontínuas e dignas de heroísmo e admiração

como trazer a caça ou afugentar a ameaça, demonstrando o seu poder dominante. Às mulheres são reservadas atividades contínuas, como educar os filhos, preparar a comida e cuidar da casa, atividades que se referem ao privado (BOURDIEU, 1998).

4 IDEIA DE HOMEM

Posso contar nos dedos quantos relataram-me suas vidas pessoais, o que realmente o fazem chorar ou envolverem-se em delitos mais arriscados, embrenhando-se cada vez mais na vida do crime. Demonstrar afeto não é algo comum a esses adolescentes. Portanto, algo que me chama a atenção nos primeiros dias, refere-se ao modo como usam a expressão frequente “ideia de homem”. Esse termo surge como uma forma de expressão dos internos para designar aquilo que é real, factível, verdadeiro e digno de receber respeito. Quando alguém na sala de aula defende uma postura onde todos os outros concordam e um não, este que está em dúvida irá indagar “Ideia?”. E o outro responderá, para confirmar “Ideia de homem, parceiro!”. Essa expressão comumente usada como jargão está ligada a uma história sobre algum “corre”, roubo ou aventura do adolescente enquanto tentava fugir da polícia, por exemplo. A “ideia de homem” reforça não só a masculinidade e necessidade de se mostrar viril do adolescente, mas também, a ideia de que de sua boca sai apenas palavras de honra. Suas palavras são tão verdadeiras, que só um homem as poderiam ter dito. No entanto, pude presenciar o outro lado da inquebrável masculinidade desses jovens. A sua sensibilidade não pode ser evidenciada publicamente, portanto, era somente em atividades específicas e momentos esporádicos que sentimentos de apreciação, emoção, empatia e solidariedade eram demonstrados.

O consumo excessivo de drogas, aparentemente tem raiz na família também. Quando o uso de substâncias ilícitas se torna um hábito comum do dia a dia dos pais ou pessoas próximas, parece ser fácil compreender que as consequências para os jovens são agressivas. Nesse sentido, é possível identificar um adolescente que teve seu pai, sua mãe ou ambos usuários de cocaína e muito álcool ou, de forma mais abrasiva, do crack. Eles apresentam sinais de abstinência fortes: quando não são inquietos demais, são mais retraídos, silenciosos, muito machucados – por conta do vício e das fugas de policiais. Por outro lado, são os alunos que, no papel, mais se expressam e demonstram, inclusive ter uma maior sensibilidade com a família. Eles entendem que precisam cuidar e de serem cuidados, ou seja, assumem responsabilidades logo cedo.

Na busca por responder à inquietante pergunta que sempre me fazia ao ouvir as diversas histórias dos alunos sobre suas vidas, isto é, de que forma a necessidade de ser homem no sentido de um “*dever-ser*”, de afirmar a sua masculinidade em qualquer circunstância e por ser sobrecarregado pelo fardo da virilidade, afasta esses jovens das atividades que fazia parte de sua vida antes (o esporte, a escola, o trabalho) aproximando-

os da “vida do crime” e, portanto, reproduz como um ciclo vicioso as estatísticas do jovem marginalizado? O discurso da vontade de ostentar, tornar-se poderoso e rico, demonstra ser uma máscara necessária ao adolescente que teme pelo que mais lhe afeta, como em *The Mask You Live In* (2015). O homem sensível equipara-se ao feminino e compreende-se que,

(...) sob esse ponto de vista, que liga a sexualidade e poder, a pior humilhação, para um homem, consiste em ser transformado em mulher. Poderíamos lembrar aqui os testemunhos de homens a quem torturas foram deliberadamente infringidas no sentido de feminilizá-los, sobretudo pela humilhação sexual com deboches a respeito de sua virilidade, acusações de homossexualidade ou, simplesmente a necessidade de se conduzir com eles como se fossem mulheres. (BOURDIEU, 1998: 39).

Quando nos tornamos mais amigos e próximos me torno para eles digna de confiança, e o discurso se modifica totalmente. Quando Clifford Geertz (1989) e sua esposa decidem correr da polícia junto aos moradores da aldeia em que faziam o campo que resultou na etnografia *Briga de Galos em Bali*, acabam provocando uma ação inesperada devoluta dos nativos que começam a aceitar a presença dos dois, antes estrangeiros, agora, dignos de uma maior proximidade e até amizade. Mesmo que a minha presença em sala de aula seja justificada pela profissão, só isso não bastava para que eu pudesse ter a confiança e colaboração dos adolescentes (até porque, quando querem, são capazes de uma bagunça generalizada em todo o corredor da escola). A saudade da mãe e o amor incondicional que eles comentam que as mães têm por eles são dois dos sentimentos que mais estão presentes nos textos, poemas, redações ou em cantos de folha de atividades. Basta um papel e lápis em suas mãos para que haja declarações de amor à “rainha”. Em segundo lugar, sua filha ou filho e, claro à “dona”, sua namorada. O respeito à mulher, em qualquer ordem, é sagrado. Quando é sobre suas mães, é regra intocável. Essa devoção quase que religiosa se expressa também nas tatuagens, característica pelos quais são inseridos automaticamente na categoria “bandido” pelo senso comum.

Em um dia de agosto, antecedendo o dia dos pais, levo aos alunos a história de Anderson Herzer, um adolescente transexual interno da FEBEM em São Paulo. O objetivo era sensibilizar o olhar do adolescente para a figura paterna, já que se aproximava o dia dos pais. A história de Anderson perpassa o abandono, o sofrimento, e a dor de perder seu pai com três anos, que fora assassinado e a mãe com oito, de overdose de cocaína e ainda sua sofrida trajetória de descoberta da sexualidade dentro de um órgão estatal hostil e violento. Levo o livro dele, *A Queda Para o Alto* (1980) que conta a história da sua vida na primeira parte. Na segunda, conta com um compilado de poesias

que escreveu durante o período em que esteve privado de liberdade na FEBEM. Apresento os aspectos da época para os meus alunos, das diferenças entre a unidade que estão hoje para como era a “casa do bem-estar menor” na década de 1970, período em que o Anderson esteve internado. Após essa introdução, e ao perceber os olhares atentos para uma narrativa que se assemelha à própria vida, chamei a atenção deles para a morte do pai de Anderson que tinha envolvimento com o crime e por isso foi morto. Por fim leio o poema a seguir que julgo ser de grande importância transcrevê-lo na íntegra para compreender a atividade que apliquei logo após:

A canção da saudade... eterna

À Pedro Peruzzo

Meu pai. . .
eu não ouvi seu grito de dor,
nem mesmo limpei seu pescoço ensangüentado,
não vi a terra cobrindo seu corpo
nem disse adeus, quando aos céus foi levado.
Sabe pai,
a gente nasce e logo cresce,
e em alguns momentos de você se esquece,
esquece o pouco que ainda há pra se lembrar
esquece que a derrota não é motivo para chorar.
E eu ..., eu que nem ao menos conheci o tom de sua voz,
que te conheço por uma foto, já muito amarelada,
foto que um dia eu vi em sua catacumba,
com minha face molhada, vi sua face, empoeirada.
Pai, eu não cobri seu caixão de flores,
não segurei sua mão na hora da partida,
eu nem sabia o que o mundo estava levando
eu nem sabia que era você que estavam enterrando.
Se posso dizer que sei muito de você,
é porque sei como estava em seu caixão
mas não recordo do seu rosto ou de seus cabelos
apenas tinha as mãos postadas sobre o coração.
Naquele dia não chorei, não entendia,
ninguém me disse que era meu pai que eu perdia,
portanto foi tão distante, e eu só vivia,
sem descobrir que o meu amor você merecia.
E agora, próximos estamos ao Dia dos Pais,
queria te dar o muito do pouco que eu tenho,
não vai ter festa, e nem presentes, só eu chorando
e algumas flores, ao cemitério, vou te levando.
Apesar de tudo, foi maravilhoso, pai...
Fiquei tão contente quando soube que eras boêmio,
e que cantava na madrugada, quando alguém pedia
por isso eu sinto, não estamos distantes e sim unidos
na canção triste, na poesia, na madrugada, na boêmia.
E se alguém me perguntar por que canto na noite
darei apenas que canto a alguém que não verei jamais,
canto o amor e a saudade que do meu peito sai
canto chorando ao adeus mudo, de meu eterno pai.
(HERZER, 1980, p. 148)

Os alunos demonstram profunda comoção quando termino de recitar a poesia. Conto aos alunos ainda mais: que no prefácio do livro, Eduardo Suplicy, um político da época, conhece o Herzer na FEBEM e o adota. O pai adotivo relata, portanto, a triste fatalidade de Herzer não ter esperado o lançamento de seu livro e ter se suicidado. Deixou-o como recado antes mesmo de completar a maioridade. O recado era um apelo por menos violência na FEBEM, onde no decorrer da sua narrativa, descreve episódios de espancamentos e maus tratos. Apesar dos avanços proporcionados à política de ressocialização e ressignificação da identidade do adolescente em conflito com a lei, da extinção da Casa do Bem-Estar do Adolescente dando lugar às unidades de internação como hoje conhecemos, a violência na rua, principalmente pelo policial ainda continua acontecendo e são esses relatos que se evidenciaram nas produções de texto que propus após a leitura da poesia e de ter feito uma sensibilização como introdução.

A entrada para a vida do crime, como eu pude observar nas falas prontas dos alunos no decorrer da minha trajetória, estavam quase sempre associadas ao fato de, por exemplo, terem usado maconha pela primeira vez, querer comprar alguma roupa de marca (como já mencionado anteriormente) e por último, alguma necessidade essencial básica como comer associada à responsabilidade de ajudar com o sustento da casa. Portanto, coloquei como proposta a resposta da pergunta que deveriam fazer a si mesmos: “porque entrei para o crime? ”. Dessa vez, com mais experiência em relação ao fato de cada um ali ter uma limitação cognitiva, direcionei o texto que deveria perpassar pelo menos 3 dos aspectos que eu listava no quadro. Entre eles, o primeiro baseado, a falta de apoio familiar para seus sonhos, não ter dinheiro, ter alguém da família na “vida do crime”. Duas produções de texto me chamaram mais a atenção.

Nesse dia, o aluno mais gentil que tive, recebia um apelido de cadeia que fazia alusão à quantidade de cabelo branco que tinha – algo não comum para alguém de sua idade. No entanto, ao meu ver, a semelhança com alguém de mais idade ao Erick não era somente os cabelos. Ele era um aluno com claras dificuldades de escrita e concentração, mas ao contrário da maioria deles não media esforços para persistir e concentrar. Inclusive, posso dizer que tentava me auxiliar em sala de aula, demonstrando querer ser “um bom rapaz” como ele mesmo me dizia. “Homem tem que ter responsabilidade, professora”. Pedia silêncio aos colegas, garantia a boa organização em sala, sentava-se a frente sempre e enrolava o fio de extensão da tomada do projetor – assim sentia-se útil, me dizia.

Durante a oficina de narrativas pessoais ou a produção de texto, ele me contou com vergonha que não queria escrever sua história no papel, através da escrita. A princípio porque a história é muito triste, em segundo lugar porque não conseguia segurar firme o lápis, tinha uma tremedeira que desconhecia a causa, mas julgava ser pela abstinência da cocaína. Ainda assim, escreveu um pequeno parágrafo de 7 linhas e se aproximou da minha mesa me entregando o papel e sentando-se ao meu lado. Disse que poderia me contar sua história, mas escrever não seria possível. Deixei que ele falasse, e me contou que a mãe é viciada em “pó”. Já a algum tempo ela não consegue levar o sustento para casa. O Erick nunca conheceu seu pai, e tem mais 4 irmãos para ajudar a mãe a alimentá-los. Portanto o dinheiro fácil e rápido do tráfico apresentava ser a melhor saída. De acordo com Goffman (1978), a sociedade nos dá uma série de papéis e identidades que são considerados “normais”. O papel social do bandido está intrinsecamente associado a um rótulo negativo que nem sempre condiz com o que, na esfera privada acontece na sua vida, ou seja, quando demonstram seus sentimentos e o outro lado da moeda de um *dever-ser* do homem. Essa discrepância entre identidade social e real constitui-se como o estigma.

Por outro lado, os alunos que não apresentam tal histórico, recorrem a um motivo banal por roubarem como pude fazer a experiência em um dia de oficina de textos que realizei em uma sala. Já ouvi algumas vezes de alguns alunos que começaram a roubar por diversão. Principalmente quando roubam carros. Em uma das narrativas, o Pedro escrevia sobre “levar uma vida normal, de um menino normal”. Estagiava no Hospital Santa Helena em um período do dia, no outro, ia para a escola e a noite fazia muay-thai em uma academia do bairro. Ocupava todo o seu tempo:

A noite depois da luta eu só queria comer e dormir, professora. Não tinha espaço para mais nada, estava “morgado”. Até o dia em que conheci o Lucas, um moleque da quebrada, respeitado por se envolver em roubo de carros (Pedro, 17 anos, rapaz vaidoso de autoestima elevada; morador da cidade de Sobradinho II).

Ele relatava no texto que ali nascia uma nova amizade, não aprovada pela sua mãe e sua irmã mais velha com quem morava. Lucas, apesar do respeito adquirido, talvez em função do medo impingido aos moradores, era um rapaz solitário. Passava o dia em casa sozinho, na companhia dos cigarros de maconha e videogame. Pedro, que me contara, já havia tido o vício de jogar online, abandonou a academia para ficar mais tempo com o Lucas até que um dia ele o convida para participar de um roubo de carro. “Começamos a

aprontar, ele não me deixava faltando em nada, me ajudava em tudo. Nesse momento, eu já não frequentava mais a escola só trabalhava e parei de treinar”.

O “ódio mortal” toma conta de suas palavras, quando Pedro relata que depois de saber que Lucas havia sido morto por tiros em uma negociação de um roubo de carro e descoberto que a garota por quem havia se apaixonado o traia, abandonou o estágio no hospital, única atividade que ainda realizava. “Prometi vingança para mim mesmo com quem fez aquilo com meu amigo Lucas”. O Pedro me contou que precisou cometer pelo menos 4 homicídios para vingar a morte do amigo e, por isso, ficou conhecido em sua “quebrada”. Era respeitado e reconhecido pelos “manos”, tinha dinheiro fácil e as meninas que sempre quis. A família dele, assustada com o falatório do bairro, e suas atrocidades sendo noticiadas na TV local o deixaram arrependidos do que fez.

Professora, esse é o resumo da minha vida, hoje estou aqui “preso” querendo voltar no tempo para ter minha vida de volta, meu trabalho, a alegria da minha família. Estou cansado disso tudo. Quero recomeçar minha vida do zero (Pedro, 17 anos, rapaz vaidoso de autoestima elevada; morador da cidade de Sobradinho II)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou observar a construção social da masculinidade em um grupo específico. No entanto, diversos aspectos escaparam essa etnografia. Para dar conta de grande parte deles, seria necessário um trabalho posterior em maior profundidade. Isto posto, ao longo dessa curta trajetória na socioeducação, porém de grandeza imensurável pelo peso que tem uma experiência como esta, eu pude ouvir histórias incríveis, me surpreender com o nível da falta de necessidades básicas que os adolescentes me disseram ter, de reconhecerem a importância de ter continuado a estudar, mas me chamam a atenção para o fato de que gostariam, antes de tudo, de possuir uma melhor estrutura familiar. A isso, associam a falta de recursos financeiros, uma moradia digna e de acesso às escolas. Em segundo plano, os adolescentes falavam, mas timidamente, que não gostariam de ter a mãe, pai, ou o parente responsável por ele envolvido na vida do crime ou usuário de drogas. É uma realidade que envergonha o aluno.

Durante o texto, resaltei pontos importantes para compreender a correlação teórico-metodológica pretendida no trabalho aqui exposto. Uma delas foi compreender que, dado o ambiente onde o “menor” vive ser a periferia, em suas principais referências da indústria cultural, o ideal do que deve ser um homem, o aspecto viril que tem como referência, o respeito que todos querem ter, constitui-se na figura do “gangsta rapper”, uma categoria na música e na cultura imigrada dos Estados Unidos na década de 1980. Cumprir com sua palavra é uma questão de dignidade, e que o adolescente precisa mantê-la para ter respeito. Tal nobreza, pode ser considerada como o conjunto de aptidões honradas como a coragem física, a moral, generosidade, etc. (BOURDIEU, 1996). Além de tudo, é importante para o adolescente que mantenha a sua honra, e que sua palavra valha mais do que qualquer coisa, afinal, é palavra de homem. Todos estes aspectos são incorporados na identidade social do jovem em conflito com a lei, tornando-se um *habitus* característico do produto do mundo social em que vive.

Para Rolim *apud* Gottfredson (2015) é importante atentar para os indicadores de evasão escolar, que em sua tese, são índices que nos mostram a importância de reaver uma prevenção da criminalidade ainda no período escolar. Para isso, estaria incluso a prevenção de um conjunto de problemas de comportamento incluindo casos de furto,

violência, uso de álcool e outras drogas. O comportamento isolado um tanto antissocial do adolescente, o desafio à autoridade e a necessidade de se auto afirmar como um homem capaz até de cometer um homicídio ou crimes mais escrupulosos.

Estas formas de comportamento estão correlacionadas e são produzidas por causas comuns. Fenômenos como a evasão escolar e a baixa frequência dos alunos favorecem o desenvolvimento desses comportamentos, e devem, portanto, ser enfrentados com prioridade. Muitos dos pesquisadores e profissionais da área têm assumido claramente o vínculo existente entre a redução dos problemas de comportamento na escola e a redução dos indicadores futuros de criminalidade, o que tem sublinhado a importância da escola na prevenção. (ROLIM, 2014: 74).

Os aspectos de masculinidade na vida de um homem se apresentam como uma máscara, moldada ao longo de sua socialização, agregando valores sociais e culturalmente gerados para que defenda a sua máscara com muito vigor, de tal forma que somente um homem poderá fazer. Em um dos relatos que mais me causaram espanto foi o da professora de Matemática que, eufórica chegou do intervalo na sala dos professores e disse, ofegante, se já havíamos dado aula para o Flávio. A história dele o deixara desacreditada. Flávio, para proteger a mãe do pai agressor, em um acesso de raiva como nunca antes, aponta uma faca contra seu pai que vem a falecer. No entanto, como alega Flávio, foi para proteger a mãe, e esse crime poderia ser justificado como legítima defesa. Já para Henrique, matar alguém foi para provar a própria honra. Disparou contra um outro garoto em um mercado, ele havia lhe desrespeitado na “quebrada”. “Foi bala, pipoco nele, lógico! ”. Nesse sentido, como comenta Machado (2001),

Matar ou não, depende das relações entre agredidos e agressores. Vão “normais”, e, se precisar “a gente atira”. As “máscaras” de “bandido”, “maioral” e de “não bundões” não escondem simbolicamente seus rostos de sujeitos sociais, pois servem para lhes dar o atributo de “reconhecimento como maioral”. As máscaras realizam outra função: a de permitir fazer uma dissociação entre assumir “pessoalmente” o querer agredir e matar, e o de estar disposto a agredir e matar em nome de um “roteiro” previamente assinalado pela sua escolha de integrar uma gangue de malandros, ou uma gangue de assaltantes. Assim, não assumem “pessoalmente”. Deslocam seu atos para o cenário teatralizado do “mundo da bandidagem” e do “mundo das gangues” (MACHADO, 2001: 22).

Foi impossível não criar laços mais afetuosos com alguns dos alunos da escola da unidade depois de um tempo. Durante as aulas, quando há um bom andamento e harmonia, quando a comunicação se estabelece entre professora e aluno, as aulas fluem mais facilmente. Segundo Goldman (2005), é somente com o tempo, e com um tempo

não mensurável pelos parâmetros usuais que o autor de uma etnografia pode ser afetado. Muito pelas complexas situações que o campo oferece como foi o caso, mas também pela própria percepção pessoal desses afetos. O autor ressalta que este afeto não se refere ao afeto no sentido da emoção que escapa da razão, mas de afeto no sentido do resultado de um processo de afetar, aquém ou além da representação e foi assim que senti que fui afetada pelos alunos. Às vezes me esquecia de que estava na “cadeia”, imersa em alguma atividade ou aula que preparava para os alunos. Minhas aulas começaram a funcionar quando conseguia aliar o tema da aula à um aspecto da cultura da periferia. Nesse sentido, aprendi muito com eles. Nunca escutei tanto RAP em toda minha vida e pude compreender, ao dar atenção e ouvidos às letras das músicas desse ritmo que eles tanto têm carinho, um pouco mais sobre a vida do favelado. Não é preciso um olhar atento para perceber que os alunos têm um perfil comum. São negros, magros, tatuagens pelo corpo e a “cara do crime”, como dizia um de meus alunos. Ao perguntar o que é a “cara do crime” ele resumiu em uma só palavra: ódio.

Uma máxima entre os adolescentes os fazem concordar que o ódio motiva o crime. Acredito ser importante relatar aqui um pouco sobre. A revolta com o cotidiano da periferia foge a compreensão de quem como eu, por exemplo, nunca viu alguém ser assassinado. Para eles, algo comum e recorrente. A violência aparenta ter raiz em fatalidades, rinchas e brigas entre facções que bloqueiam as suas capacidades de lidar de outra forma com a situação – como um diálogo – a não ser pelo uso da força. As questões se agravam quando alguém querido morre sem necessidade, portanto, a vingar a morte de um amigo, parente, irmão não necessita justificativa. Por honra não se discute. Victor me contava um dia, durante a aula, que “rodou” por causa de um homicídio. Ele parecia empolgado e começava a contar com certo orgulho o que havia feito. Me mostrei interessada e ele, mais ainda em compartilhar sua história. “Fui filmado, professora. Sai no DFTV, você me viu? ”. Respondi que não, que não assisto ao noticiário local. Ele me explicava que um “nego” o traíra em uma negociação de um carro roubado e havia ficado com o dinheiro. Tiveram uma briga, em razão disso e de sua falta de respeito para com ele, era questão de honra para o Victor matar o traidor. Sem mais nem menos, ao saber que o rapaz estaria em uma conveniência da sua “quebrada”, ele passa na garupa de uma moto pilotada por um amigo, entra no estabelecimento com o capacete e dispara contra o rapaz que morre no local. Por esse homicídio e outros já era a quarta vez que ele passava pela UIPSS.

Apesar do consenso sobre o acesso à educação de qualidade ser o recurso mais eficaz para afastar o jovem do crime, ainda é pouco o que uma unidade pode fazer para a ressocialização dos adolescentes em conflito com a lei os quais tive contato. Para o diretor da unidade, que falou na abertura das olimpíadas (um dos eventos promovidos pela escola), apesar das taxas de reincidências geradas pela UIPSS demonstrarem uma baixa do ano de 2016 para o ano de 2017, uma verdadeira unidade de internação socioeducativa precisaria de mais recursos à mão e profissionais, para uma melhor execução do trabalho.

Privados de liberdade, os meus alunos em tempo contrário à aula, participam de uma oficina de artesanato com uma senhora muito simpática que os ensinam a fazer principalmente formas geométricas, cisnes e outras formas de pássaros a partir de uma dobradura simples: a “pecinha” que se encaixa a outras para ter uma forma objetiva. A oficina de informática também é uma opção de atividade na unidade, apesar de ser obsoleta em seu ensinamento, já que os computadores são antigos e é proibido, por razões óbvias, o acesso à internet. Segundo conta Dráuzio Varella (2017) em seu livro, atividades profissionalizantes como alternativa para pessoas privadas de liberdade fazem total diferença para a diminuição de reincidências. Outra solução que demonstra eficácia são as oficinas de leitura e produções artísticas. Portanto, se Rolim (2014) apresenta a ideia de que, em uma unidade de internação do sul do Brasil, os índices de evasão escolar demonstram ser um dos motivos pelo qual o jovem tem maior propensão às atividades criminais, este é um estudo que pode ser repetido posteriormente na UIPSS e em outras unidades de internação do Distrito Federal. Ou ainda, como ressaltou o Danilo, professor de Educação Física do período da tarde, o investimento por parte das instituições governamentais poderia ser em grande parte dedicado à prática esportiva, tendo em vista que o futebol é o lazer compartilhado que mais se faz presente no inconsciente coletivo dos adolescentes.

6 EXPRESSÕES DA “CADEIA”

- **22** – Louco, anormal.
- **Badaga**: o que é feio, bagunçado, mal feito.
- **Barraco**: é o alojamento em que dormem.
- **Berma**: bermuda, também de marcas caras facilmente encontradas em shoppings.
- **Boi**: banheiro, privada.
- **Cheque**: é o nosso “ok”, positivo, confirmar o que o outro disse demonstrando aceitação de alguma sugestão.
- **Chicão**: Chinelo de borracha oferecido pela unidade que faz parte do uniforme.
- **Corre**: trabalho criminoso.
- **Dona**: namorada ou esposa.
- **Estigante**: doce, chocolate, bala ou qualquer guloseima.
- **Ferro ou máquina**: arma de fogo.
- **Ficar na bailarina**: quando um adolescente recebe uma medida, e portanto, será direcionado ao Módulo Disciplinar, passa um período de “reflexão”, em pé e algemado do lado de fora da grade em algum corredor de circulação. Portanto, ficar na bailarina seria estar nessa posição, na ponta dos pés.
- **Flagrante**: algo interessante, legal, bonito, que agrada o gosto. Normalmente refere-se a um objeto de desejo também. Desde um carro, até o tênis, roupas ou uma tatuagem bem-feita que faz referência ao mundo deles.
- **Ideia de homem**: confirmar que o que acabou de dizer é tão verdade que somente um homem poderia ter dito.
- **Jack**: estuprador.
- **Jega**: a cama em que dormem. Feita de concreto, cada dormitório tem uma beliche com uma espuma que faz o papel do colchão.

- **Lombra:** alucinação provocada pela ingestão de alguma substância psicoativa, em geral, a maconha.

- **Macaca:** banana.

- **Maluco:** pênis.

- **Marrocos:** é o pão sovado que recebem no lanche da escola.

- **Pano ou peita:** é a camiseta de marca.

- **Pedera:** pederastia como gênero musical de funk atual, segundo os alunos é a nova tendência depois do funk ostentação.

- **Peita:** camiseta.

- **Pele ou pele de mendigo:** o cobertor que a unidade oferece para se aquecerem a noite.

- **Pelota:** bola de futebol.

- **Pisante:** tênis de marca, objeto de desejo de todo menino da periferia, o pisante deve ser colorido, com sistema de amortecimento e só serve se for original.

- **Preza:** nome ou apelido na pichação.

- **Rainha ou coroa:** mãe.

- **Sombra ou alma:** agente socioeducativo.

- **X – Ladrão:** pão com hambúrguer e nada mais.

- **Xepa:** a janta ou almoço que vem em uma quentinha preparada no refeitório da unidade em uma cozinha industrial. Eles invariavelmente reclamam muito da comida, que “não tem gosto” e quando há algo diferente é apenas uma tentativa: de lasanha por exemplo.

- **Xernobil:** o café com leite servido no café da manhã.

7 ANEXOS

A seguir, o registro de algumas imagens. São fotografias feitas por mim, com autorização prévia da direção da unidade, e outras, devidamente referenciadas, são fotografias feitas pelos próprios alunos pela supervisão do professor de Artes, Rodrigo Xavier. Elas seguem a regra que consta no Estatuto da Criança e Adolescente onde se lê que a imagem do interno deve sempre ser preservada. As fotografias têm como objetivo retratar visualmente a aparência da escola da unidade e também da unidade em si a fim de ilustrar essa etnografia e dar ao leitor uma perspectiva acerca do ambiente por mim vivenciado junto aos alunos do Núcleo de Ensino.



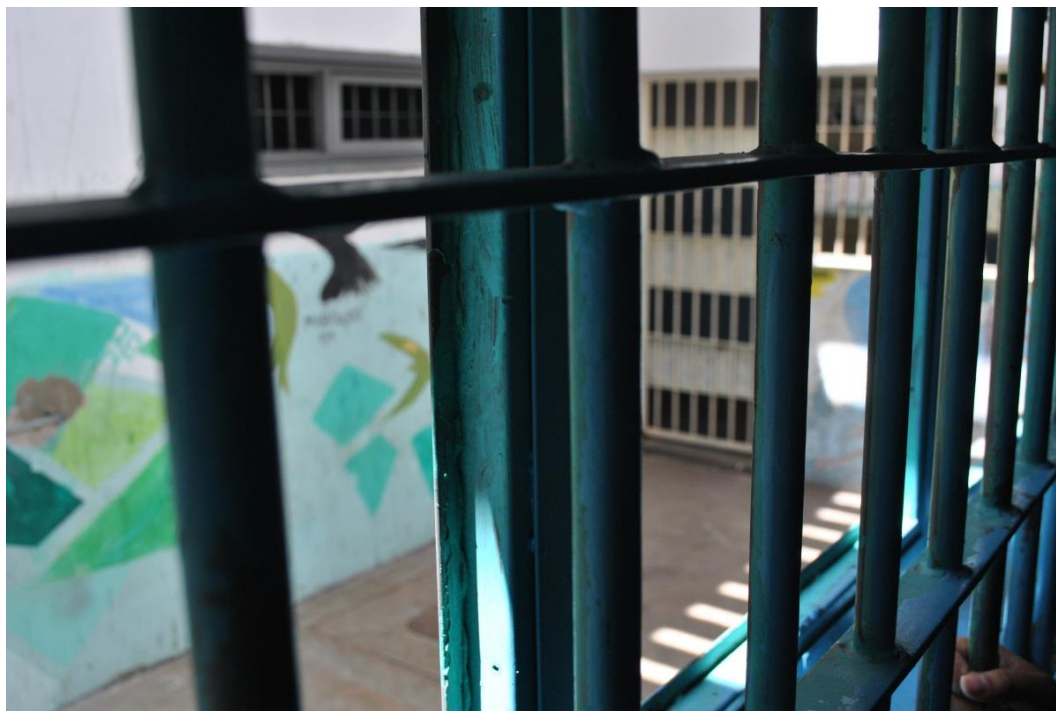
Entrada do corredor de salas de aula onde atuei. O corredor possui 6 salas de aula pequenas.



Uma das salas de aula do corredor que atendi, com cerca de 10m². Não há muito conforto e iluminação. Grades estão presentes nas janelas e na porta, semelhantes às celas.



As salas são comumente pichadas, a significação atribuída a “preza” é para outros internos se identificarem com o que estava ali anteriormente. Normalmente fazem referência ao local onde moram, ou à facção criminal a qual pertence.

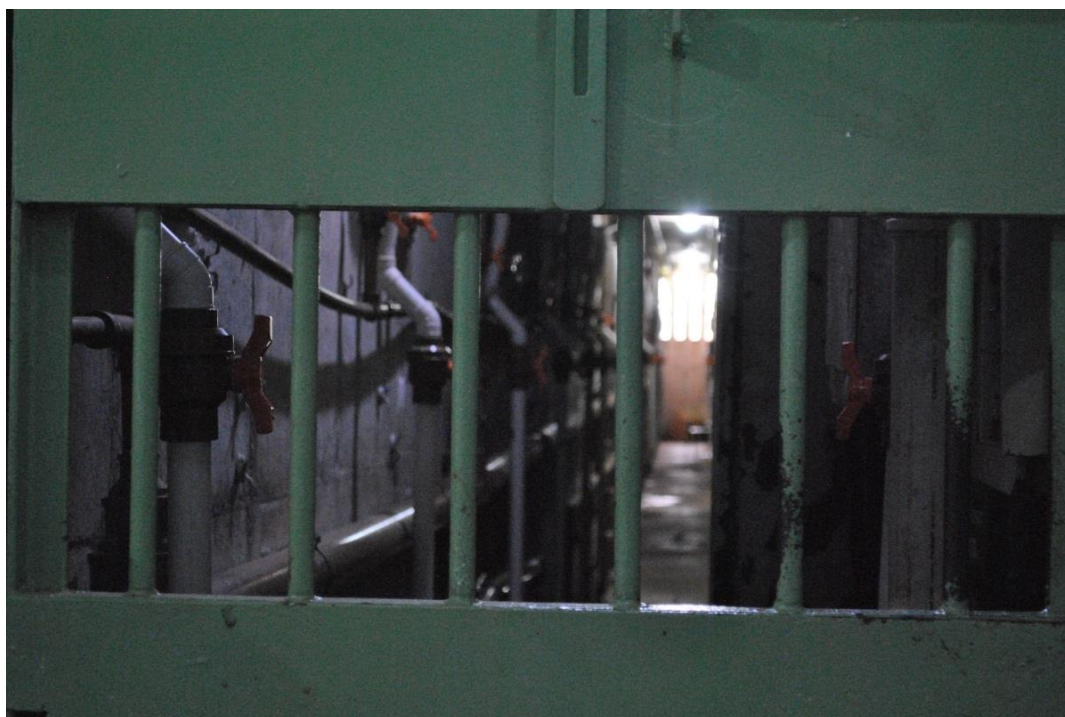


O espaço que se vê da janela da sala de aula é o hoje apenas uma entrada de ar e luz, mas um dia foi o “fumódromo”, habito proibido recentemente por lei¹⁶, em 2016. O espaço não é utilizado atualmente.

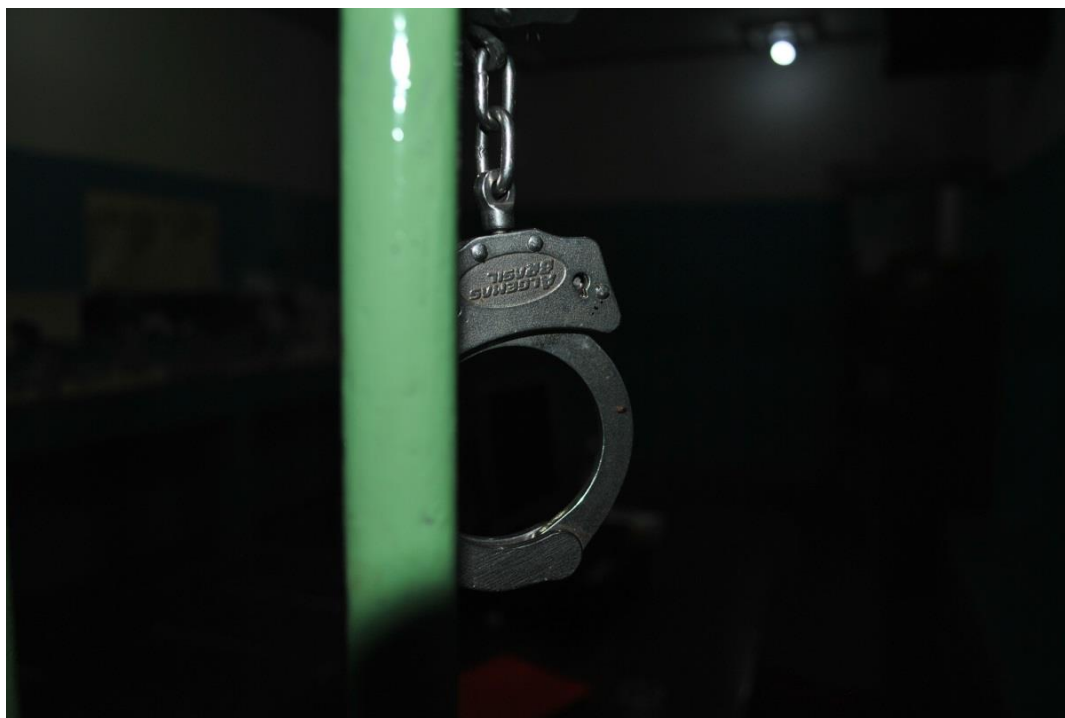
¹⁶ A lei distrital de 2016 que proíbe o cigarro em unidades socioeducativas do Distrito Federal foi disposta em nota disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/wp-content/uploads/2017/05/nota-tecnica-1-subsecretaria-do-sistema-socioeducativo.pdf>. Acesso em 24 nov. 2017.



Entrada do Módulo 4, onde ficam os “quartos” dos internos.



Um aspecto que chama atenção na unidade e em cadeias em geral é a insalubridade do ambiente. Na foto acima, o corredor de registros e descargas que só podem ser acionadas pelo agente. O cheiro nada agradável deve-se ao fato do ambiente ser extremamente úmido, mesmo em dias de sol e seca em Brasília.



As algemas ficam presas às grades em uma espécie de hall de entrada e saída entre um módulo e o corredor que dá acesso aos refeitórios, espaços de convivência e pátio. Durante o período em que estive na UIPSS, acredito ser impossível não associar o ambiente da unidade de internação a uma cadeia de verdade, com exceção das salas de aula.



Caixa de cartas que fica do lado de fora da unidade, entre os dois portões que separam a “rua” da “cadeia”. Aqui são colocadas as cartas dos internos para os seus familiares e o contrário. É nesse ambiente de recepção, onde as mães aguardam para serem atendidas e revistadas no dia de visitação.



Não existem portas nas salas de aula, portanto, grades como as das celas ficam abertas durante a aula. O “alma”, ou o agente fica sentado em uma cadeira em cada porta de sala de aula.



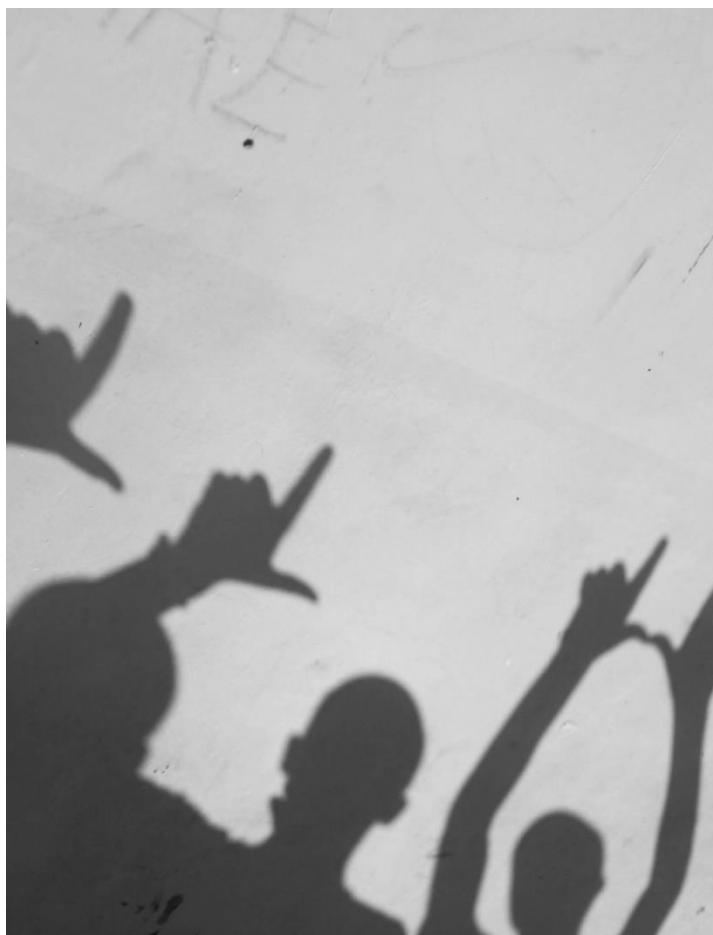
“Professora, tira uma foto nossa bem flagrante!”



Foto do professor Rodrigo Xavier, de Artes, para as Olimpíadas do Nu/En.



Acima e abaixo, fotografias tiradas por um interno, aluno do professor Rodrigo Xavier, que desenvolveu um projeto de fotografias e manuseio de uma máquina fotográfica.



1

Como mencionado no texto, os “barracos”, quartos em que dormem os internos, não apresentam aspecto de limpeza. A “preza” e a identificação de onde veio se faz

presente. Abaixo, uma fotografia tirada pelo professor Rodrigo Xavier para um projeto que resultou na realização de um documentário, não acessível e não divulgado. O documentário que se chama Olhos de Vidro (2014) serve como apoio pedagógico para ser trabalhado somente dentro da escola da unidade, tendo em vista que os internos podem ser identificados.



8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAOVAY, M. e RUA, M. Violência nas escolas. 2003. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133967por.pdf>. Acesso em 20 nov. 2017.

BERGER, Peter; BERGER, Brigitte. O que é uma instituição social? In: FORACCHI, Marialice; MARTINS, José de Souza. (ORG.). Sociologia e Sociedade: leituras de introdução à Sociologia. Ed 21. Rio de Janeiro: LTC. 1994.

BOURDIEU, Pierre. A dominação Masculina. Ed. 4, Best Bolso. 1998.

BOWLES, Samuel; GINTIS, Herbert. Pesquisa em eficácia escolar. Seção 1, Leitura 7. Promessas quebradas. Reforma da escola em retrospectiva. Educação e desigualdade. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/347757/mod_resource/content/1/BOWLES%20C%20Promessas%20quebradas%20Reforma%20da%20escola%20em%20retrospectiva. Acesso em 02 dez 2017.

CONNELL, Robert W. and MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Rev. Estud. Fem. vol.21, n.1, pp.241-282. ISSN 0104-026X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>. 2013.

FERREIRA, Luiz Carlos. Tecendo afetos: Narrativas e visualidades a partir de uma colcha de retalhos. Simpósio 12 – Redes e conexões de afetos, pedagogias e visualidades. 2015. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s12/luiz_carlos_pinheiro_ferreira_.pdf. Acesso em: 16 de nov. 2017.

FILHO, Silvio de Almeida Carvalho. A Masculinidade em Connell: os mecanismos de pensamento articuladores de sua abordagem teórica. XIII Encontro de História Anpuh – RIO. 2008.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Editora LTC. 1989.

GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação de identidade deteriorada. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

GOLDMAN, Marcio. Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia. Cadernos de campo n. 13: 149-153. 2005. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/50262/54375>. Acesso em 29 nov. 2017.

HERZER, Sandra M. A Queda Para o Alto. Editora Vozes. 1984.

MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidades e violências. Gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. 2001.

NASCIMENTO, Elaine Ferreira do. Violência e estilos de masculinidade: violência, cultura e poder. Ciênc. Saúde coletiva. 2005.

NOLASCO, S. O Mito da Masculinidade. Rio de Janeiro: Rocco. 1993.

ROLIM, Marcos. A formação de jovens violentos. Para uma etiologia da disposicionalidade violenta. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/102225/000931115.pdf?sequence=1>. Acesso em 21 nov. 2017.

SINASE. Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Disponível em <http://www.conselhodacrianca.al.gov.br/sala-de-imprensa/publicacoes/sinase.pdf>. Acesso em 06 nov. 2017.

SOUZA, Elizeu Clementino de. e FORNARI, Liege Maria Sitja. “Memória, (Auto) Biografia e Formação” In: VEIGA, Passos Alencastro e D’ÁVILA, Cristina Maria (Org.) Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas. Campinas, São Paulo: Papirus, p. 109-134. 2012.

VARELLA, Dráuzio. Prisioneiras. Companhia das Letras. 2017.

FILMOGRAFIA

NEWSOM, Jennifer. 2015. The Mask You Live In, 1h37m

SITES

<http://www.pretaenerd.com.br/p/blog-page.html>

<https://www.tjdft.jus.br/>

<https://jus.com.br/artigos/51933/a-instituicao-linguagem-formadora-da-subjetividade-do-adolescente-em-conflito-com-a-lei>